



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

FELIPE PEREIRA DOS SANTOS

**O LIVRO DIDÁTICO DO CAMPO E SUA UTILIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA E.M.E.F. LILI QUEIROGA, ASSENTAMENTO
ACAUÃ, APARECIDA – PB.**

**CAJAZEIRAS - PB
2018**

FELIPE PEREIRA DOS SANTOS

**O LIVRO DIDÁTICO DO CAMPO E SUA UTILIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA E.M.E.F. LILI QUEIROGA, ASSENTAMENTO
ACAUÃ, APARECIDA - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras, com a finalidade de obtenção do título de Graduado no referido Curso.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

**CAJAZEIRAS-PB
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

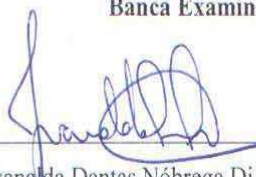
S2371	<p>Santos, Felipe Pereira dos.</p> <p>O livro didático do campo e sua utilização nos anos iniciais do ensino fundamental da E.M.E.F. Lili Queiroga, assentamento Acauã, Aparecida - PB / Felipe Pereira Dos Santos. - Cajazeiras, 2018.</p> <p>70f.: il.</p> <p>Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo. Monografia(Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.</p> <p>1. Livro didático. 2. Ensino do campo. 3. Coleção Novo Girassol. I. Lorenzo, Ivanalda Dantas Nóbrega Di. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU - 37.018.51(074)

FELIPE PEREIRA DOS SANTOS

O LIVRO DIDÁTICO DO CAMPO E SUA UTILIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA E.M.E.F. LILI QUEIROGA, ASSENTAMENTO
ACAUÃ, APARECIDA - PB

Aprovada em: 16/03/18

Banca Examinadora



Professora Dra. Ivana da Dantas Nóbrega Di Lorenzo (CFP/UFCG-Orientadora)

David Luiz Rodrigues de Almeida

Professor Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida (CFP/UFCG - Examinador Interno)

Professora Dra. Ana Paula Romão (UFPB - Examinador Externo)

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois eu nada seria sem suas bênçãos derramadas sobre mim. Ao meu pai, Francisco Paulino dos Santos, minha mãe Onete Pereira dos Santos e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus o nosso criador pelas inúmeras bênçãos que tem derramado sobre a minha vida e a de minha família.

A minha amada mãe Onete, a pessoa que eu mais amo nessa vida pela paciência de aguentar os meus estresses durante todos esses anos de curso e nunca me abandonar nas horas em que mais precisei do seu amor, do seu carinho, conselhos e apoio que só uma mãe pode dar, te amo!

Ao meu querido pai, pelos anos que trabalhou o dia inteiro de sol a sol, na roça, para o sustento da família e para proporcionar uma educação de qualidade para os seus filhos, e mais especificamente para mim. Se hoje eu cheguei até aqui, em parte, isso eu devo unicamente ao senhor e ao suor que escorria da sua pele.

Aos meus irmãos e irmãs, Francivaldo, José, Luiza e em especial a minha maninha e segunda mãe Lucinete (Lucinha, Dudu) pela força e encorajamento para enfrentar as duras situações da vida e da universidade. A pessoa que ainda me segura nos braços sempre que preciso.

Aos meus cunhados e cunhadas, por tudo o que fizeram por mim. Por vocês tenho um grande apreço!

A minha amada Orientadora Profa Dra Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, pelos puxões de orelha, exigências e pela enorme paciência que tem comigo e principalmente por acreditar em mim, quando já nem eu mesmo acreditava. A você toda a minha confiança, amizade e respeito. És uma professora excelente e de muita responsabilidade em tudo que faz.

As professoras da Escola Lili Queiroga e a toda comunidade do Assentamento Acauã pela receptividade e pelo fornecimento de informações que foram o suporte para a conclusão desta pesquisa.

A todos os professores e professoras do curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores (CFP), pelas contribuições e pelo comprometimento com a minha formação profissional.

À Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO), pelo comprometimento em fornecer informações quando preciso.

Ao Professor Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida e a Professora Dra. Ana Paula Romão, membros da Banca Examinadora, pelas contribuições para o enriquecimento desse trabalho.

A todos os meus amigos do curso de Geografia, em especial a Ana Elizabeth, Alessandra, Renata, Amanda, David, Ailmo e Adriana, pelos belos momentos vividos que se eternizaram em minha mente e em meu coração. Levarei vocês junto comigo a vida inteira.

Aos amigos e amigas da residência masculina e feminina externas, por todos os momentos que me proporcionaram. Jamais esquecerei pessoas como vocês!

Enfim, a toda a minha família pelo apoio a mim prestado.

RESUMO

Pesquisas sobre o Livro Didático vêm sendo desenvolvidas para entender a sua eficácia no processo de Ensino-Aprendizagem. Este estudo, em especial, procura investigar como o Livro Didático do Campo da Coleção Novo Girassol: Saberes e Fazeres do Campo, está sendo utilizado em sala de aula por 4 professoras (sujeitos da pesquisa), nos anos iniciais de 1º a 4º ano, na E.M.E.F. Lili Queiroga, localizada no município de Aparecida-Paraíba, Região Geográfica Intermediária de Sousa-Cajazeiras. Ao ser estudado aspectos sobre o Livro Didático, procura-se discutir o PNLDC-Campo dentro dos paradigmas da Política Pública da Educação do Campo, assim, desenvolvendo resultados e trazendo novos elementos que, mais tarde, poderão se tornar objetos de estudo para outras pesquisas. A pesquisa se trata de um estudo de caso, por ter como local da pesquisa a escola Lili Queiroga. Desse modo, logo se caracteriza por ser uma pesquisa de cunho qualitativa. Para a realização da pesquisa foram realizadas pesquisas em fontes bibliográficas, observação do lócus da pesquisa e das aulas ministradas, para o entendimento da utilização do livro didático em sala de aula. Como instrumento de coleta de dados fez-se necessária à elaboração e aplicação de um questionário, para a obtenção de informações sobre a escola, envolvendo o seu contexto geral. A pesquisa teve início no mês de Setembro, estendendo-se até meados de Dezembro do ano de 2017.

Palavras-chave: Livro Didático. Coleção Novo Girassol. Educação do Campo.

ABSTRACT

Research about Didactic Book has been developed to understand its effectiveness in the Teaching-Learning process. This work, in particular, seeks to investigate how the Field Book of the Collection Novo Girassol: Field knowledge and practices is being used in the classroom by 4 teachers (subjects of the research), in the initial grades, from the 1st to the 4th grade, at Lili Queiroga Elementary and Middle School, located in the city of Aparecida-Paraíba, Intermediate Geographical Region of Sousa-Cajazeiras. When studying aspects about the Didactic Book, it is sought to discuss the PNLD (National Book and Teaching Material Program) – Field within the paradigms of the Public Policy of the Field Education, thus, developing results and bringing new elements that, later, could become objects of study for other researches. The research is a case study, having the Lili Queiroga school as study site, therefore, it is characterized by being a qualitative research. In order this study, we carried out research on bibliographical sources, observation of the locus of the research and the classes given in order to understand the use of the book in the classroom. As a data collection instrument, it was necessary to prepare and apply a questionnaire to obtain information about the school involving its general context. The survey began in September and lasted until the middle of December of 2017.

Keywords: Didactic Book. New Sunflower Collection. Field of Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CFP	Centro de Formação de Professores
COLTED	Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático
CPT	Comissão Pastoral da Terra
E.M.E.F	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MST	Movimento Sem Terra
PMA	Prefeitura Municipal de Aparecida
PNAIC	Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa
PNERA	Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PROBEX	Programa de Bolsas de Extensão
PROF	Professor
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SEE-PB	Secretaria de Estado da Educação da Paraíba
SME	Secretaria Municipal de Educação
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNAGEO	Unidade Acadêmica de Geografia

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01:	Localização do Município de Aparecida e o Assentamento Acauã.....	16
Imagem 02:	Alguns livros da Coleção Girassol: Saberes e Fazeres do campo.....	28
Imagens 03 a 11:	Estrutura física Escola Lili Queiroga	36
Imagens 12 a 15:	Associação Comunitária.....	37
Imagens 16 e 17:	Formação Continuada de Educadores das escolas do campo na SME de Aparecida.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 01:	O que significa para você trabalhar em uma escola de assentamento?.....	38
Quadro 02:	Anos de atuação dos professores na Educação Básica e na Escola Lili Queiroga.....	39
Quadro 03:	Utilização do livro didático pelos 4 sujeitos da pesquisa.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01:	Sujeitos envolvidos na escolha do Livro Didático.....	40
Gráfico 02:	Motivo de escolha da coleção didática Girassol.....	41
Gráfico 03:	Eixos Norteadores da Formação Continuada.....	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Apresentação dos Livros da Coleção Novo Girassol.....	44
Figura 02:	Crianças ajudando os pais na colheita e brincando no campo.....	46
Figura 03:	Moradias dos povos do campo.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. O LIVRO DIDÁTICO E O PNLD CAMPO E A POLÍTICA PÚBLICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	20
1.1. O Livro didático: de recurso didático ao livro como currículo.....	20
1.2. O Programa Nacional do Livro Didático Campo (PNLD Campo) e a Política Pública da Educação do Campo.....	23
1.3. O livro didático campo: situando o território e a identidade dos sujeitos educandos	28
2. A ESCOLA, A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO NO PNLD CAMPO NO ASSENTAMENTO ACAUÃ E A POLÍTICA.....	32
2.1. O Assentamento Acauã como território camponês e a Escola Lili Queiroga.....	32
2.2. A escolha do livro didático no PNLD Campo, na Escola Lili Queiroga.....	39
2.3. Análise da Coleção Girassol frente às exigências da Política Pública da Educação do Campo.....	42
3. CORRELAÇÕES ENTRE O LIVRO DIDÁTICO E A FORMAÇÃO/ATUAÇÃO DOCENTE.....	50
3.1. A Formação Continuada Docente: situando os múltiplos usos de recursos didáticos.....	50
3.2. A Coleção Girassol fortalece a identidade e o território camponês?.....	55
3.3. A Atuação Docente e a utilização do Livro Didático Campo.....	56
4. CONSIDERAÇÕES.....	60
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES.....	66

INTRODUÇÃO

*Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola*

Gilvan Santos – (Não Vou Sair do Campo)

A citação supracitada representa um dos hinos que marcam a trajetória de lutas dos povos do campo em prol de seus direitos, especialmente de políticas públicas eficazes e eficientes em favor do reconhecimento de seus direitos e diversidades.

Perpassar por essa compreensão traz como pressuposto minha origem camponesa e o conhecimento das dificuldades dos povos camponeses acerca dos direitos, os quais muitas vezes são negados, iniciando pelo debate educacional contextualizado.

A nossa inserção no Ensino Superior faz romper uma estatística vergonhosa para o Brasil, pois, segundo a Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PNERA, 2010), dos educandos do campo matriculados nos anos iniciais apenas 1% (um por cento) ingressa no Ensino Superior. Portanto, somos representativos deste ínfimo percentual ao ingressarmos no Curso de Licenciatura em Geografia, no Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras, situado na cidade de Cajazeiras, Paraíba, Região Geográfica Intermediária de Sousa-Cajazeiras.

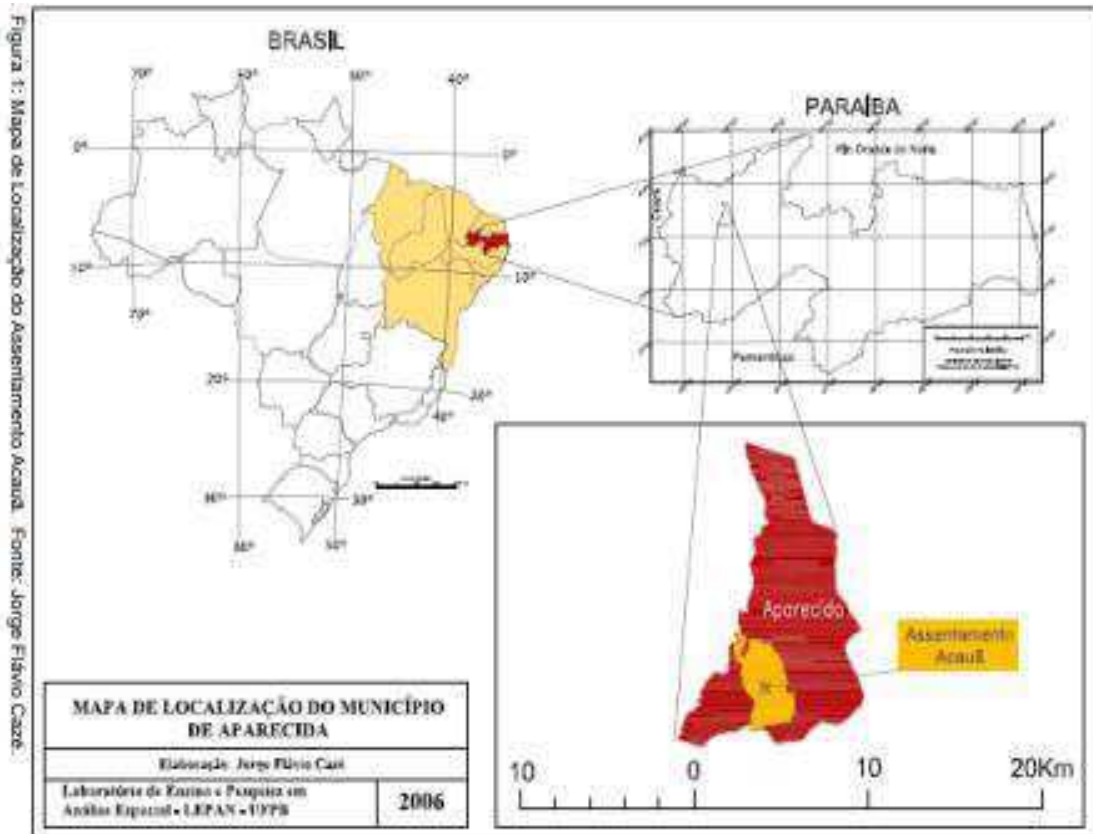
A partir dos Estágios Supervisionados realizados enquanto discente na formação docente em Geografia, percebemos a necessidade de realizar uma pesquisa sobre o livro didático de Geografia, e ao participar de um projeto de extensão oferecido pelo PROBEX 2017, intitulado “Ensino Interdisciplinar na Formação Continuada de Educadores da Escola do Campo no assentamento acauã, município de aparecida-PB”, tive a oportunidade de trabalhar com a Educação do Campo, sendo necessário um maior investimento nas leituras sobre esse tema, a exemplo de Caldart (2002), Arroyo (2007), Fernandes (2009), Molina (2011) e Bogo (1999). Dessa forma, trabalhar com o livro didático da escola do campo é uma oportunidade de conhecer a Política Pública da Educação do Campo.

Abordar o PNLD campo no âmbito acadêmico é apresentar um tema ainda pouco discutido na universidade e, mais pontualmente, no curso de Licenciatura em Geografia do CFP (Centro de Formação de Professores). Na Geografia, assim como nos outros cursos, é importante valorizar a formação do professor visando também a Educação do Campo, uma vez que, enquanto futuros professores precisamos estar preparados para assumir uma sala de

aula de Educação Básica em que é preciso adequar os conteúdos de um currículo oficial e real, a um modelo de currículo oculto traduzido nos conhecimentos que precisam ser adquiridos a partir da vivência do aluno.

Os estudos sobre o livro didático assim como nossas experiências nos Estágios Curriculares Supervisionados em Geografia, tem demonstrado a utilização desse recurso como única estratégia metodológica em sala de aula. Segundo a Política da Educação do Campo, o livro didático deve estar pautado na realidade dos sujeitos do campo. Partindo desse pressuposto, procuramos entender como é utilizado o livro didático nas salas de aula da escola Lili Queiroga localizada no assentamento Acauã, Aparecida-PB (**Imagem 01**).

Imagem 01: Mapa de Localização do Município de Aparecida e do Assentamento Acauã.



Fonte: LIMA, 2006.

Para entender os conceitos e demais informações sobre o Livro didático, tenho como base, as contribuições de Munakata (2012), Choppin (2004), COLTED (1969) e, por se tratar de uma pesquisa em que se trata de ensino para crianças recorro às leituras de Freire (1996), além de outros autores que já desenvolveram pesquisas sobre a temática dessa pesquisa.

Como procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, primeiro foram realizadas observações na Escola Lili Queiroga como integrante do Probex (2017) e depois como pesquisador deste trabalho. A aplicação de um questionário com as 4 professoras que ensinam no período da tarde, para que se tornasse viável a construção do sumário para o desenvolvimento do texto monográfico. Após a aplicação do questionário, foi realizada a coleta de dados e depois esses dados foram cuidadosamente analisados e tabulados em forma de gráficos, quadros e textos. Dessa maneira, foi realizada a análise a qual faz parte da redação desse trabalho. O uso de um acervo bibliográfico, foi de suma importância, para buscar as informações necessárias sobre os principais conceitos necessários para a construção da base teórica da presente pesquisa, além de outras técnicas de pesquisa que foram essenciais para a conclusão desse texto.

Temos como objetivos da pesquisa:

Objetivo Geral;

Analisar o livro didático do Campo da Coleção Girassol e sua utilização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Lili Queiroga no Assentamento Acauã, Aparecida-PB.

Objetivos Específicos;

- Discutir o Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD-Campo) a luz da legislação e da Política da Educação do Campo;
- Identificar as formas de utilização do livro didático nos anos iniciais do ensino fundamental segundo a ótica da educação do campo;
- Refletir sobre as ações educativas contidas no livro didático frente às práticas pautadas na educação contextualizada;

A luta pela Educação do Campo se torna mais visível a partir do surgimento dos movimentos sociais que, nos seus ideais e objetivos, procuram seus direitos sobre aquilo que de direito já lhes pertence. Nesse sentido de lutas, encontra-se a luta diária por uma Educação do Campo, educação essa que busca valorizar os conhecimentos do camponês, devendo esses, serem inseridos ao currículo escolar.

Essas pessoas ou comunidades têm sua própria forma de vivência e também seus costumes, como por exemplo, manter um contato maior com a natureza e com a terra. Desde pequenos, estão ativamente inseridos no campo, ajudando os seus familiares em época de plantio e de colheita, por isso, destaca-se a importância de uma educação contextualizada com os saberes do campo.

Sendo assim, é importante a criação de programas dentro da Política Pública da Educação do Campo (BRASIL, 2015), voltados para uma educação básica que respeite esses saberes dos sujeitos do campo e que, principalmente, passem a valorizar e identificar esses como agentes construtores e detentores de conhecimento, quebrando o paradigma de uma educação rural tradicional, dando espaço a uma Educação do Campo transformadora e libertadora.

São diversas as situações que levam os sujeitos do campo a procurarem uma melhor qualidade de vida, principalmente, se esses pertencerem a algum assentamento de Reforma Agrária, que em sua maioria, são esquecidos pelo Estado. São pessoas que trabalham muito para a conquista dos direitos que hoje possuem. A união dessas comunidades é o que fortalece a busca pelos direitos que a esses muitas vezes são negados.

A educação específica para os sujeitos do campo é uma forma de recompensar anos de esquecimento e de valorização de uma cultura “urbanocêntrica” em relação ao campo. Durante muitos anos, a população camponesa precisou se deslocar do campo para a cidade em busca de educação, isso, se tivesse condições favoráveis para esse deslocamento. Por isso, a necessidade de debater sobre uma educação que seja no e do campo. Segundo Caldart (2002, p. 18) é preciso entender que “[...]. *No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; *Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”. A Educação do Campo busca principalmente a inserção do conhecimento do homem do campo na educação local.

Esse trabalho encontra-se estruturado em 3 (três) capítulos que apresentam no seu decorrer os resultados obtidos por meio da pesquisa, são eles:

O capítulo 1 apresenta algumas considerações sobre o PNLD campo baseado principalmente no Edital (2014) e no Guia do livro didático (2015) referentes ao PNLD do ano de 2016. Além disso, tem uma discussão sobre o livro didático como currículo e como recurso e esse como material didático representando a realidade do aluno e do território camponês.

No capítulo 2, vem um pouco da história do surgimento do Assentamento Acauã, e da Escola Lili Queiroga a partir da necessidade de uma instituição de ensino para os moradores e

os filhos dos moradores que lá habitavam. Além disso, apresenta aspectos da análise da coleção Girassol frente às exigências da Política Pública da Educação do Campo.

No capítulo 3, aborda-se Formação continuada de Professores para as escolas do campo em um contexto geral e também em um contexto local, fazendo também uma atribuição ao uso do livro didático usado pelas professoras na Escola Lili Queiroga, Assentamento Acauã, Aparecida-PB.

1. O LIVRO DIDÁTICO, O PNLD CAMPO E A POLÍTICA PÚBLICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Livros didáticos direcionados as escolas do campo são essenciais para a construção da identidade e a reafirmação do território camponês. Neste capítulo, encontra-se uma breve discussão sobre o uso do livro didático em sala de aula como currículo e como recurso e, também faz uma discussão sobre o PNLD campo e a distribuição de livros didáticos específicos para os alunos e professores do campo, atendendo as exigências da Política Pública da Educação do Campo.

1.1. O Livro didático: de recurso didático ao livro como currículo

A Política Pública da Educação do Campo tem como objetivo uma educação, onde sejam valorizados os saberes e conhecimentos produzidos no campo. Escolas que o currículo esteja construído em um modelo de educação em que os povos do campo se sintam representados. Por isso, a distribuição de materiais didáticos e programas que beneficiem as escolas do campo precisam ser elaborados. Os livros didáticos são exemplo de materiais, que precisam atender as exigências da Política da Educação do Campo.

Nos dias atuais temos muita tecnologia em sala de aula que podem ser utilizadas para maior facilidade do processo de ensino-aprendizagem, porém, o livro didático continua sendo uma das ferramentas mais importantes nesse processo. É a partir dele que as aulas costumam ser planejadas, uma vez que, oferece uma sequência de conteúdos que oportuniza ao professor fazer uso diário ou não desse recurso. Segundo Castellar e Vilhena (2010, p. 137) é preciso entender que:

[...] a função do livro didático é muito mais ampla do que aquela a que estamos acostumados a observar nas salas de aula: a leitura e/ou a cópia sem questionamentos e discussões das temáticas propostas nele. [...] o uso do livro didático deveria ser um ponto de apoio da aula para que o professor pudesse, a partir dele, ampliar os conteúdos, acrescentando outros textos e atividades e, portanto, não transformando no objetivo geral da aula.

A partir da concepção de que o livro didático deve ser usado como um material de apoio, as autoras acabam de destacar o uso do LD em sala de aula como um recurso, ou seja, além dos livros outros materiais podem ser usados para a consulta, dessa maneira, tirando a concepção do livro didático como um recurso tradicional. Assim, Azambuja (2017, p. 70) escreve sobre o livro e o ensino de Geografia:

O livro didático contém o saber da ciência e encaminha a forma escolar de apropriação desse saber. No ensino tradicional o professor adota esse conteúdo-forma para desenvolver suas aulas. Em uma didática renovada, sintonizada com os novos paradigmas de ensinar e apreender, o conteúdo-forma apresentado no Livro Didático precisa ser compreendido enquanto indicações de possibilidades de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva o Livro Didático será um recurso orientador e organizador da educação escolar, ou seja, relativizando a função de ser a fonte e o instrumento de transmissão de conteúdo informativo.

O que vemos em algumas salas de aulas, é a conduta do professor em relação ao livro didático, mantendo esse como o único instrumento a ser usado esquecendo que o mesmo pode ser usado de várias maneiras. O comodismo acaba gerando uma customização, significando a utilização do livro didático como dominador das aulas, quando na verdade o que se precisa é que ele seja visto também como um manual, nesse sentido, levando a perspectiva de que o LD também pode ser usado como um material de consulta, como um instrumento orientador do ensino, elemento norteador no processo de ensino e aprendizagem. Voltando-se para as palavras de Castellar e Vilhena (2010, p. 137), as mesmas destacam a importância do livro didático mesmo em época de alta das mídias: “Em tempos de multimídia, computadores, ensino à distância e outras inovações tecnológicas na educação, o livro didático ainda continua sendo um dos suportes mais importantes no cotidiano escolar e é, sem dúvida, o mais utilizado e solicitado”. Mas, vale lembrar:

[...] que o Livro Didático não é – não deve ser – o epicentro do processo de construção do conhecimento, mas ele pode servir como ponto de quebra de estigmas e visões distorcidas sobre aspectos geográficos, um material que pode lhe auxiliar em sua prática cotidiana, dando indicações de possibilidades para uma maior reflexão em relação ao espaço geográfico. (SANTOS, 2017, p. 141).

Assim como o currículo prescrito que acaba sendo algo que a escola tem que seguir, o Livro didático muitas vezes em sala de aula se torna um currículo em que os professores acabam ficando presos ou, diga-se de passagem, acorrentados a ele como o centro do conhecimento. Então, nesse caso:

[...] O problema não é o livro. No geral trazem um enorme número de possibilidades de leitura. A centralidade criativa – ou mais burocrática – é do professor. É ele quem mais tem condições de costurar os cacos de informações e tecê-los juntos para uma leitura mais coesa do mundo. Tarefa hercúlea. Tarefa magistral: aprender a aprender para melhor poder ensinar. O livro como ponto de partida, não ponto de chegada. (KAERCHER, 2017, p. 16).

O livro como ponto de partida representa a inovação na utilização desse enquanto recurso, uma quebra de centralização enquanto elemento dominador e ditador de atividades

que acabam sendo interpretadas como algo imposto, na verdade, é um primeiro passo a não aceitação de uma ditadura envolvendo o livro didático. Segundo Vesentini (1989, p. 167) *apud* (Silva e Sampaio 2014) “Ao invés de aceitar a ‘ditadura’ do livro didático, o bom professor deve ver nele [...] um apoio ou complemento para a relação ensino e aprendizagem que visa a integrar criticamente o educando ao mundo”. Tudo acaba fazendo parte de uma questão metodológica. Como vou utilizar esse material em sala? Quando usá-lo? Essas são indagações que todos os dias devem ser usados durante os planejamentos de aulas. O LD não deve ser estereotipado como o centro da educação.

O livro didático não é, no entanto, o único instrumento que faz parte da educação da juventude: a coexistência (e utilização efetiva) no interior do universo escolar de instrumentos de ensino-aprendizagem que estabelecem com o livro relações de concorrência ou de complementaridade influi necessariamente em suas funções e usos. Estes outros materiais didáticos podem fazer parte do universo dos textos impressos (quadros ou mapas de parede, mapas mundi, diários de férias, coleções de imagens, “livros de prêmio” — livros presenteados em cerimônias de final de ano aos alunos exemplares — enciclopédias escolares...) ou são produzidos em outros suportes (audiovisuais, softwares didáticos, CD-Rom, internet, etc.). Eles podem, até mesmo, ser funcionalmente indissociáveis, assim como as fitas cassete e os vídeos, nos métodos de aprendizagem de línguas. O livro didático, em tais situações, não tem mais existência independente, mas torna-se um elemento constitutivo de um conjunto multimídia. (CHOPPIN, 2004, p. 553)

O mundo está cada vez mais informatizado e o LD acaba não se tornando mais o centro das atenções. O seu uso como um recurso auxiliar e não mais como um currículo, agrega um novo sentido às aulas, resignificando o ambiente escolar, fugindo dos padrões tradicionais de ensino, em que o livro didático acaba se transformando no “monstro” da aula, sendo questionado de diversas formas e com críticas voltados apenas para ele. Tem que se ressaltar que é importante a sua presença em sala de aula como elemento inicial e não como um material único e final no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Lima (2013, p. 611):

[...] o currículo não pode focar somente nos conhecimentos científicos propostos pelos livros didáticos. Deve também abrir-se para acolher aqueles valores, crenças, saberes, sonhos que os camponeses também consideram importantes para ser ensinados nas escolas, contemplando seus sonhos coletivos e o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades que dêem condições às pessoas de lutarem pela construção das alternativas de mudanças das condições socioculturais nos quais são submetidos.

Fazer o uso do livro didático com uma concepção antiga do currículo onde o professor ensina e o aluno apenas recebe uma carga enorme de formação, é uma prática que, bem de perto, precisa ser transformada e ganhar um novo significado. O currículo deve agregar em parte o que o livro didático propõe, isso que se caracteriza como um currículo oficial, a escola

pode entrar com papel de incorporar de verdade um currículo elaborado a partir do que a comunidade tem a oferecer, e o professor em sala de aula pode adequar metodologias para melhor trabalhar com o livro didático, trazendo elementos novos para as suas aulas, mas tendo como um auxílio o livro didático.

Através das aulas que foram observadas na E.M.E.F. Lili Queiroga em salas de 1º a 4º ano, pude observar que as professoras utilizam o livro didático como recurso e não como currículo. O livro didático, segundo as professoras, é um instrumento usado por elas como base para o planejamento de suas aulas. A partir do que o livro propõe, elas planejam as suas aulas, mas, sempre frisando que o planejamento das aulas não segue à risca apenas o livro didático e que os seus planejamentos, também são de acordo com as necessidades sobre o que os alunos precisam aprender. As mesmas reforçam que o livro quando usado com outros recursos (como filmes, cartazes sobre a comunidade, jogos e outras atividades que não estão no livro didático), tende a possuir uma maior eficácia no processo de ensino-aprendizagem.

No próximo item abordamos o PNLD campo e a distribuição de coleções didáticas para as escolas do campo.

1.2. O Programa Nacional do Livro Didático Campo (PNLD Campo) e a Política Pública da Educação do Campo

A política pública tem como um de seus principais objetivos assegurar os direitos dos cidadãos que as reivindicam em busca de uma melhor qualidade de vida. Estando integralmente asseguradas pela Constituição Brasileira de 1988, estas reforçam a obrigatoriedade do Estado em prestar assistência a toda à população. A Política Pública da Educação do Campo é um exemplo das lutas diárias pela busca de direitos por uma melhoria na educação dos povos do campo, dessa forma, nos remetemos às palavras de Borges (2012, p. 103) “A luta por políticas públicas significa a garantia ao direito assegurando o acesso universal à Educação do Campo que seja no e do campo”.

É dessa maneira que os movimentos sociais mais especificamente o MST, buscam um modelo de educação que valorize os conhecimentos do Homem do campo. Desse modo, ao se pensar uma política pública para a Educação do Campo, esse passa a ser entendido como um espaço de aprendizagem em que o conhecimento também é produzido (NEGRI, 2017, p.18). Nesse sentido, Vilhena Junior e Mourão (2012, p. 177) afirmam que:

O dispositivo legal que trata da disponibilização de Educação Básica para as populações do campo, é encontrado no artigo 28 da Lei n. 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [LDB]). Essa conquista se deu a partir da organização dos movimentos sociais. Só então algumas políticas públicas começaram a ser formuladas e implementadas, normatizando a Educação a ser desenvolvida no meio Rural. [...].

Dentro da Política pública da educação do campo foram criados vários programas, entre estes está o PNLD Campo com propostas de livros didáticos específicos para as escolas do campo. No que diz respeito ao PNLD, Berbat e Feijó (2016, p. 484) fazem algumas considerações: “O Programa Nacional do livro didático (PNLD) existe desde 1929, mas, com outras nomenclaturas. Seu desenvolvimento passou por mudanças durante esse tempo que abarcam um crescente aprimoramento”. É um programa que vem sendo cada vez mais aperfeiçoado com o objetivo de atender a comunidade escolar de maneira satisfatória e que estejam em seus manuais de edição a construção de exemplares que atendam as diversas realidades existentes no Brasil, com isso:

No ano de 2011, o Ministério da Educação, por intermédio da SECADI e do FNDE lança o processo de inscrição e avaliação de LD's destinados aos alunos de escolas públicas situadas ou anexas em áreas rurais, que possuam segmentos de aprendizagem, classes ou turmas seriadas dos anos iniciais do ensino fundamental participantes do PNLD (OLIVEIRA e SOUSA, 2016, p. 45).

O PNLD campo foi criado no ano de 2011 com a necessidade de atender todas as escolas localizadas em áreas rurais do país, com um modelo de educação que fortemente objetivava/objetiva em seus princípios a importância da valorização da realidade dos camponeses também nos livros didáticos, sendo assim, “o PNLD Campo se apresenta como política pública que considera a educação do campo como referência para pensarmos o campo e seus sujeitos”. (NEGRI, 2017, p. 33). Dessa forma o PNLD campo é mais uma conquista para a Educação do Campo:

Através do reconhecimento da necessidade da adequação dos livros didáticos à população do campo, pela luta do Movimento da Educação do Campo, foi sancionada a Resolução n° 40 de 26 de julho de 2011 que legitimou a criação do Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD Campo) e, conseqüentemente, a elaboração e distribuição de livros didáticos às escolas do campo, que atendam as especificidades sociais, culturais, geográficas dos alunos e a organização seriada e multisseriada dessas escolas. (Berbat e Feijó, 2016, p. 484).

As coleções didáticas aprovadas no PNLD campo, em sua maioria, são multisseriadas, ou seja, em apenas um manual é apresentado conteúdo de várias disciplinas, esses estando dividido em blocos em que cada disciplina possui o seu espaço. Esses manuais devem estar condizentes com a realidade da escola, dessa maneira, é importante conhecer primeiramente o

edital de convocação do PNLD campo que vem mostrando os objetivos do programa e o seu público alvo, reforçando a seguinte ideia:

O Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD Campo), fundamentado na Política de Educação do Campo, visa atender aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, de escolas do campo, das redes públicas de ensino, considerando as especificidades do contexto social, cultural, ambiental, político, econômico, de gênero, geracional e de raça e etnia.

A institucionalização do PNLD Campo reveste-se de importância, pois representa o reconhecimento de uma concepção pedagógica própria da educação do campo e da necessidade de produção de materiais didáticos específicos a essa realidade, os quais contemplem as perspectivas dos projetos políticos pedagógicos dessas escolas. A avaliação e a disponibilização de obras específicas previstas no âmbito do Programa, além de se constituir em uma etapa do processo de implantação da política de material didático para os estudantes do campo, dos anos iniciais do ensino fundamental, incentiva o desenvolvimento de pesquisa nesta área, ampliando o acesso a livros didáticos que possibilitem práticas de ensino e aprendizagem contextualizadas. (BRASIL, 2014, p. 41).

A importância de se ter materiais didáticos para as escolas do campo reafirma ainda mais o compromisso que se deve ter com a educação dos alunos que fazem parte dessa realidade. O livro didático vem como um elemento importantíssimo para os alunos do campo, mas vale lembrar que nem sempre foi assim:

Até 2012, a educação do campo nas séries iniciais do Ensino Fundamental I não fora contemplada por coleções específicas para as escolas do campo. No entanto, as escolas inseridas nesse contexto eram atendidas com coleções didáticas aprovadas pelo PNLD, destinadas ao Ensino Fundamental I, que até então, não possibilitava um atendimento diferenciado às escolas ambientadas no campo. (NEGRI, 2017, p.19).

Segundo o FNDE, no ano de 2013, o primeiro ano de distribuição de livros didáticos para o campo, foram distribuídos 12,4 milhões de exemplares para 3 milhões de alunos localizados em 73 mil escolas espalhadas por todo o país. Esses livros devem ser escolhidos pelos professores que atuam nessas escolas de acordo com a realidade que esses vivenciam. Sendo assim, é dever das Secretarias de Educação dos municípios se reunir com esses professores para que os mesmos possam dialogar e decidir que coleção de livro didático é mais condizente com a realidade local. (BRASIL, 2012).

Antes mesmo que seja distribuído os Livros Didáticos para as escolas, dois documentos importantes são elaborados para alicerçar todas as regras que regem o PNLD campo: o Guia e o Edital de convocação. Sobre o edital de convocação nele estão claros quais são os seus objetivos, os quais são:

[...] a convocação de editores para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para atendimento às escolas situadas ou que mantenham turmas anexas em áreas rurais que ofereçam os anos iniciais do ensino fundamental em turmas organizadas sob a forma multisseriada, seriada e por segmento de aprendizagem, que integrem as redes de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal e que sejam participantes do PNLD [...] (BRASIL, 2015, p.1).

É comum em algumas escolas situadas no campo terem as suas turmas seriadas e multisseriadas, ou seja, muitas vezes pela falta de estrutura ou pela pouca quantidade de alunos que estudam, é preciso colocar alunos das mais diferentes séries para estudarem na mesma sala, sendo assim, a presença de um só professor se efetiva em frente a um maior número de alunos.

O livro didático é importante para o professor e também para os alunos, por isso, é necessário que seja entregue um exemplar para o professor contendo propostas de atividades para serem desenvolvidas juntamente com os alunos, os quais, também precisam de um exemplar para que seja possível acompanhar as atividades apresentadas pelo LD, realizadas em sala pelo professor, assim:

As coleções didáticas inscritas são compostas de livros didáticos consumíveis. São entregues para a utilização dos alunos e professores, sem a necessidade de devolver no final do ano. Estes livros, de acordo com o Edital do PNLD Campo, podem ter espaços ou lacunas para a realização de exercícios propostos pelo próprio livro. Obrigatoriamente, tem que compor de um exemplar para o aluno e um manual para o professor. (OLIVEIRA e SOUSA, 2016, p. 48).

As atividades que vem no livro didático campo podem ser respondidas no próprio livro, não necessitando de fazer uma transcrição ou desenvolvimento em cadernos, claro que algumas atividades para que haja um melhor desempenho, precisam ser baseadas nas atividades do manual e desenvolvidas em uma caderneta em particular.

Uma vez lançado o edital com todas as regras necessárias para a elaboração dos livros e esses uma vez produzidos antes de sua aprovação para serem distribuídos de fato para as escolas precisam passar por três momentos: “triagem, pré-análise e avaliação pedagógica” (SARMENTO; BATISTI, 2016, p. 51). As mesmas autoras descrevem cada uma dessas fases para a aprovação das coleções do livro didático:

[...]. A triagem se constitui em um exame para verificar aspectos físicos e atributos editoriais das coleções inscritas, em conformidade com os requisitos estipulados no edital. A pré-análise consiste em analisar se as obras contemplam o atendimento do objeto e da documentação definidos no edital. A avaliação pedagógica, realizada por instituições públicas de educação superior, verifica se as coleções estão de acordo com as orientações e diretrizes pedagógicas estabelecidas pelo Ministério da Educação a partir das especificações e dos critérios fixados no edital (Idem, 2016, p.51).

A análise das obras é classificada de acordo com os critérios que constam no edital, sendo excluídas do programa aquelas que não atenderem as condições determinadas pelo mesmo. Uma vez avaliadas essas são inseridas de acordo com a classificação no guia do PNLD campo.

Por meio do Guia do PNLD Campo, são apresentadas as análises das obras, contendo as descrições das coleções aprovadas no PNLD, por meio de resenhas, quadros esquemáticos com pontos fortes e fracos, destaque, programação do ensino e manual do professor (NEGRI, 2017, p. 21).

Supracitando o livro didático, muitas são as discussões em torno desse assunto. Muitos o denominam como um recurso tradicional, e outros o veem com uma ferramenta metodológica que precisa ser auxiliada com outros recursos. O tradicional nesse caso seria a forma e a postura que o educador adota frente ao uso desse recurso em sala de aula. A Coleção Novo Girassol: Saberes e Fazeres do Campo (**Imagem 02**), é uma coleção seriada multidisciplinar e conta com 11 volumes todos distribuídos por área de conhecimento. Os quais são:

Vol.1: 1º ano com os componentes “Letramento e Alfabetização” e “Alfabetização Matemática”. Vol.2: 2º ano com os componentes “Letramento e Alfabetização”, “Geografia” e “História”. Vol. 3: 2º ano com os componentes “Alfabetização Matemática e Ciências”. Vol.4: 3º ano com os componentes “Letramento e Alfabetização”, “Geografia” e “História”. Vol.5: 3º ano com os componentes “Alfabetização Matemática e Ciências”. Vol.6: 4º ano com os componentes “Língua Portuguesa”, “Geografia” e “História”. Vol.7: 4º ano com os componentes Matemática e Ciências. Vol.8: 5º ano com os componentes “Língua Portuguesa”, “Geografia” e “História”. Vol.9: 5º ano “Matemática e Ciências”. Vol.10: 1º, 2º e 3º anos com o componente curricular “Arte”. Vol.11: 4º e 5º ano com o componente curricular “Arte”. (BRASIL, 2015. p. 40-43)

A qualidade do ensino é necessária e o livro é um material fundamental para que ocorra esse processo. Por isso, é irrelevante que o educador também participe da seleção desse material, isso é algo que na realidade pode ou não acontecer. Mesmo com todo esse problema, o professor inovador se faz ainda mais indispensável, tem que superar e aceitar essas dificuldades como um desafio a ser cumprido.

A coleção novo girassol: saberes e fazeres do campo respeita a Política Pública da Educação do Campo, pois, apresenta aspectos que estão condizentes com a realidade das pessoas que vivem no campo, preservando sua cultura e incentivando a importância das pessoas que fazem parte dessas comunidades campesinas.

Imagem 02: Alguns livros da Coleção Girassol: Saberes e Fazeres do campo.



Fonte: BRASIL, 2015, p. 40.

Muitas instituições de ensino interpretam o livro didático como algo acabado e apenas como a única fonte de informação, sendo assim, acaba não motivando o professor a fazer uso de outras fontes de pesquisa, ou pode ser que o próprio educador tenha adotado esse pensamento não libertador, aprisionando-se em apenas uma fonte de saber, possivelmente reproduzindo também nos educandos.

Os professores que atuam escola Lili Queiroga dizem ter conhecimento sobre o PNLD Campo e que estão cientes de que os livros didáticos distribuídos pelo programa precisam estar condizentes com as diversas realidades existentes no campo, uma vez que, como o próprio nome já fala, as editoras ao elaborarem os manuais didáticos, precisam abordar em sua composição, a identidade dos que vivem no campo. E ressaltam que essa luta por uma Educação do Campo vem de muitos anos e que estão satisfeitas com o material entregue na escola.

1.3. O Livro Didático Campo: situando o território e a identidade dos sujeitos educandos

A Educação do Campo é uma educação pautada na participação da comunidade na escola, é uma Política Pública que assegura os direitos dos alunos do campo a partir das experiências e dos trabalhos desenvolvidos na comunidade. Segundo Molina (2011, p.11) a

Educação do Campo também se constitui de um processo de resistência para manter a sua cultura viva preservando-se, assim, a sua identidade. Para que a educação de fato chegue até a sala de aula e esteja realmente presente dentro do Projeto Político Pedagógico da escola, é preciso que essa construa uma forte relação com a comunidade para um melhor desenvolvimento do conhecimento a ser ensinado.

Para que ocorra de fato uma educação satisfatória nas salas de aulas é preciso que os materiais didáticos sejam elaborados de acordo com a realidade em que vivem os alunos dessas escolas. O livro didático do campo por apresentar questões e conteúdos propostos específicos para os atores do campo precisa estar dialogando com essa realidade. Dessa maneira, Castellar e Vilhena (2010, p. 139) afirmam que o uso do livro didático com as vivências dos educandos é essencialmente indispensável no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, Santos (2017, p. 141) afirma que:

Um LD é uma opção entre tantas outras, e, dentre tantas possibilidades, apresenta visões de mundo restritas, sendo função do educador buscar constantemente realidades que dialogam com aquela posta ou mesmo contraditórias àquela que se encontra no Livro Didático, procurando sempre enriquecer sua prática pedagógica.

O LD não tem como conter em suas páginas as várias realidades que existem na Educação do Campo em nosso país. Tem-se que pensar que algumas escolas do campo estão situadas em Assentamentos de Reforma Agrária em regiões semiáridas, e outros, em regiões totalmente diferentes. O LD busca mostrar um pouco dessas realidades, cabe ao educador o papel de se aprofundar ou não nos assuntos buscando construir uma ponte entre o que está no livro e o que é pertinente mostrar sobre a comunidade. Mas é preciso ressaltar que:

[...] é fundamental a presença no livro didático das Escolas do Campo dos elementos vinculados aos espaços sócio- territoriais de produção material da vida dos sujeitos, das identidades coletivas, do trabalho, das lutas, das práticas culturais e religiosas, da relação campo/cidade, bem como da dinâmica da própria escola, das relações sociais que se desenvolvem em seus interiores e com a comunidade ao seu redor. (BRASIL, 2015. p. 14).

A cultura é algo que se torna muito importante e muito solicitada na elaboração dos livros didáticos. A aproximação mesmo que longínqua da realidade, precisa estar presente, fatos e fatores que se aproximem das vivências do campo, imagens que reflitam um pouco dessa realidade (que são diversas) precisam estar presentes nas páginas no decorrer de todo o livro didático. O livro didático específico do campo, tem que atender as exigências do currículo que norteia os conteúdos a serem ensinados nas escolas do campo. Para Negri

(2017, p. 15) é preciso refletir sobre o espaço campesino buscando a construção de um currículo que não pense e seja voltado apenas para o urbano.

É certo que a maioria dos livros didáticos são elaborados a partir de uma realidade desconhecida, pelo menos, isso pode ser dito a partir dos elaboradores desses materiais que em sua maioria podem não ter algum tipo de formação que envolva o campo como um espaço de estudo. Então como escrever sobre uma realidade que não se conhece? Como colocar no LD aspectos e características de comunidades ou de um grupo de pessoas se não conheço o seu modo de vida? São questões importantes que também devem estar presentes na educação brasileira. Além desses fatores é preciso também entender que:

O Brasil é um país de grande extensão territorial, constituído por realidades e culturas muito diferentes, que os conteúdos do livro didático não têm condições de abarcar. Daí advém à necessidade de um professor bem formado, que saiba relacionar os conteúdos e as imagens do livro com as diferentes linguagens disponíveis e com o cotidiano de seus alunos, tornando a sala de aula um lugar de diálogo e de confronto de ideias diferenciadas. Com esse proceder, foge ao pronto e acabado, que poderia ser apresentado aos alunos como verdade absoluta. Nem a proposta de um livro e nem as ideias do professor são infalíveis; portanto, a relatividade do conhecimento precisa estar sempre presente na análise de qualquer produção didática, a fim de que se trabalhe com o aluno o dinamismo na construção do saber. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 343).

A partir dessas palavras, é perceptível que o livro didático não tem como contemplar as diferentes e diversas realidades que existem no Brasil. Desse modo, ao se tratar de um LD do campo, é preciso notar que o campo é um espaço muito rico em cultura, trabalho e diferentes modos de vida. Uma coisa certa é que a terra é algo fundamental para a sua sobrevivência. Sendo assim, o LD busca contemplar em parte essa realidade. O livro didático pode representar o que acontece no campo, mas dependendo da escolha desse material, o mesmo pode não ser condizente com essa realidade, por isso, a importância do professor no processo de escolha do material didático, uma vez que, esse consegue enxergar o melhor para a sua escola, para suas aulas e seu alunado.

Em alguns livros didáticos, por exemplo, principalmente quando se trata de livros destinados a um público infantil como é o caso dos livros didáticos escolhidos para a fundamentação dessa pesquisa, as imagens trazem paisagens que representam o campo e também o urbano. Ao colocar a realidade do sujeito do campo em pauta, não se pode esquecer que o urbano também faz parte e está inserido nessa realidade. Há uma grande produção de produtos naturais no campo e esses são vendidos nas feiras livres na cidade. Há todo um trabalho desde o plantio até a colheita, esse é representado nos livros didáticos através de

imagens como uma forma de trabalho, de relação com a terra, como um meio de sustentação da família e, como parte fundamental para o entendimento da realidade campo e cidade.

Ao se tratar de um multiculturalismo existente no campo, uma das figuras que precisam assim como a do camponês ser representada no LD é o Índio. Ao se pensar o campo é imprescindível à cultura indígena. A maioria dos livros didáticos trazem em suas páginas a história, costumes, e também a luta diária que esses travam pelo direito ao seu patrimônio natural. Além disso, reforçam que alguns de nossos costumes são derivados da cultura Indígena e Africana.

O livro didático deve representar o espaço camponês de forma em que esses possam realmente se sentir representados e uma dessas formas se baseia na apresentação do território em que esses vivem. Assim:

Na prática educativa o território está presente não apenas como conceito, mas como conteúdo vivo, a partir das suas contradições, conflitos, disputas e sentidos. A sua carga educativa está para muito além do espaço de sala de aula. Ele é, em si, educativo e a vivência da comunidade comprova que, nas relações cotidianas, ele é um elemento importante nas trocas materiais e simbólicas que estruturam a vida destes grupos sociais. O território assume esta dimensão a partir da relação que os sujeitos e seus respectivos grupos sociais estabeleceram no espaço, conferindo sentido a sua materialidade, ao mesmo tempo em que conferem novos sentidos e reconstruem a materialidade. (OLIVEIRA NETO, 2011, p. 8-9).

Sendo assim, é essencialmente importante no livro didático a representação do território em suas diversas faces, dessa forma, dando elementos norteadores para que o educador possa fazer uma ponte entre o território apresentado pelo LD e o território em que o alunado está inserido. Ressalta-se que como o livro didático objeto de estudo nesse trabalho é voltado para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a linguagem com que o livro aborda os temas precisa ser a mais clara possível.

Medeiros (2009), afirma que o território é, antes de tudo, um espaço de identidade cultural e que este está ligado a questão do pertencimento a determinado lugar, ou quando há um propósito comum de pessoas em busca de algo, no caso do MST: a luta pela terra.

Os livros didáticos utilizados na Escola apresentam a realidade dos alunos. Porém, tem elementos da realidade específicos que o só professor pode colocar juntamente com os que já vêm expostos na coleção. É certo que na coleção didática, a representação do território camponês, além de outros, é feita de uma maneira mais geral, sendo que não tem possibilidade de apresentar uma por uma das realidades, mas, o livro em algumas partes fala algumas coisas específicas de cada cultura.

2. A ESCOLA, A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO NO PNLD CAMPO, NO ASSENTAMENTO ACAUÃ E A POLÍTICA.

Os movimentos sociais não lutam apenas pelo direito a terra, e sim também, por uma educação em que a sua cultura e conhecimentos sejam reconhecidos como parte de valor para a sociedade. A quebra de paradigmas como o de que o campo vive em função da cidade é necessário para que esses sujeitos do campo se tornem visíveis no espaço geográfico. A educação é mais uma meta a ser alcançada. Escolas com infraestrutura e materiais didáticos que fortaleçam a sua cultura baseados em currículo próprio para a Educação do Campo são necessários para a construção da identidade do aluno do campo. Neste capítulo conheceremos a história da ocupação do Assentamento Acauã, a criação da escola Lili Queiroga, o processo de escolha do livro didático pelos professores da escola e uma breve análise da Coleção Novo Girassol: Saberes e Fazeres do Campo, tendo como base, as exigências da Educação do Campo.

2.1. O Assentamento Acauã como território camponês e a Escola Lili Queiroga

No Brasil a distribuição de terra é dada de maneira desigual. Uma grande quantidade de terras está concentrada nas mãos de uma minoria da população, por isso, parte dessas terras encontra-se abandonada pelos grandes latifundiários. Estas terras em sua maioria são consideradas improdutivas. Sendo assim, essas terras acabam sendo ocupadas por camponeses, para que assim, eles possam construir suas moradias e trabalhar para a sustentação da família. Ao falar sobre a ocupação de terras:

Primeiro é preciso dizer que a ocupação é uma ação decorrente de necessidades e expectativas, que inaugura questões, cria fatos e descortina situações. [...] São os trabalhadores desafiando o Estado, que sempre representou os interesses da burguesia agrária e dos capitalistas em geral. Por essa razão, o Estado só apresenta políticas para atenuar os processos de expropriação e exploração, sob intensa pressão dos trabalhadores. A ocupação é, então, parte de um movimento de resistência a esses processos, na defesa dos interesses dos trabalhadores, que é a desapropriação do latifúndio, o assentamento das famílias, a produção e reprodução do trabalho familiar, a cooperação, a criação de políticas agrícolas voltadas para o desenvolvimento da agricultura camponesa, a geração de políticas públicas destinadas aos direitos básicos da cidadania. (FERNANDES, 2000, p. 281-282).

Essas terras são divididas em lotes para cada morador. A negociação acontece por meio de um acordo entre o INCRA e os proprietários de terras, aos quais são indenizados. Antes da desapropriação, os camponeses montam barracas para ocupar o espaço chamado de

acampamento. Após ocorrer a desapropriação passa a ser uma área de Assentamento onde os camponeses começam a se estabelecer e fincar raízes nesses locais. A partir daqui, começa também um movimento de lutas para a criação de políticas públicas voltadas para as suas necessidades, tendo como ponto norteador o lugar onde vivem, o campo. Assim como a história de ocupação de muitos outros acampamentos brasileiros e do Nordeste:

A comunidade Acauã nasce do processo de luta pela democratização do acesso à terra, portanto, é resultado de uma intencionalidade, construída no coletivo, na solidariedade e no respeito mútuo. No dia 2 de dezembro de 1995 cerca de 150 famílias ocuparam a Fazenda Acauã que pertencia ao grupo Gadelha, tradicional família sousense. Foi um ano de luta, sendo que nesse período houve sete despejos e várias prisões. Em dois de dezembro de 1996 com o título de posse, vieram vários benefícios e a comunidade passou a se chamar Assentamento Acauã. Foram construídas 114 casas de alvenarias substituindo as barracas cobertas de lonas. Em seguida, veio à eletrificação, construção da sede da associação comunitária e telefone público. A comunidade foi beneficiada com o Projeto Mandala onde foi construída na sede da Associação, sendo esta, a primeira mandala do Brasil, em seguida algumas residências foram beneficiadas com o projeto mandala. É uma mandala de grandes proporções para uso comunitário onde oito famílias exploram a produção e a utilizam como meio de subsistência. (PPP, 2016, p.10).

A agricultura é um dos fatores mais importantes, ou se não, pelo menos, é um dos motivos que levam essas pessoas a buscarem terras para cultivar e se estabelecerem nelas. As mandalas são construídas exatamente para a produção de culturas que são as fontes principais de sobrevivência em áreas de Assentamento. Tudo ocorre aos poucos, as casas vão sendo construídas, os direitos embora sejam árduos, vão sendo conquistados. Tudo é uma questão de interesse para uma melhoria de vida de parte da população mundial que ainda é esquecida. Mas é preciso interesse dos trabalhadores e força na luta dos objetivos a serem alcançados. (BOGO, 1999, p. 25). Como resultado de muitos anos de luta, o assentamento Acauã hoje conta com:

[...] 130 casas, uma igreja católica, bares, uma escola municipal que atende aproximadamente um número que varia de 70 a 100 estudantes por ano matriculados efetivamente, uma ponte construída sobre o Rio Piranhas orçada em mais de um milhão de reais, feita para atender as necessidades dos assentados e comunidades vizinhas. Além disso, a comunidade foi beneficiada com o projeto de cisternas de placas do P1MC (Programam Um Milhão de Cisternas) onde todas as casas possuem a sua para usufruto de uma água de qualidade. Com o progresso veio à criação de vários grupos, onde podemos destacar o Luar do Sertão, o Bloco carnavalesco, Grupo jovem, Grupo teatral, Time de futebol, futsal e vôlei. Ainda, podem-se destacar alguns projetos em atividade atualmente na comunidade do Assentamento de Acauã, como: apicultura, ovinocultura, caprino cultura, avicultura, bovinocultura, etc.

Muitos não entendem a luta do MST pelo direito a terra. Os integrantes desse movimento são tachados inúmeras vezes de vagabundos e baderneiros por causa das manifestações que fazem para chamar a atenção do Estado em busca de alcançar dessa forma seus objetivos. A visão deturpada das coisas que a maioria da população possui, acaba resultando no preconceito com as pessoas que fazem parte desse movimento. Além disso, os proprietários de terras ao travar um embate de frente com o MST recorrem cada vez a violência. (MARQUES, 2006, p. 185).

A luta dos movimentos sociais como o MST, ao contrário do que muitos pensam, não se restringe apenas a conquistas de terras, mas também, a saúde e educação. No que diz respeito à educação esta deve ser baseada nos conhecimentos do próprio homem e mulher do campo. Porém, não é só falar em educação, é preciso fazer que essa educação realmente aconteça. É fazer da escola do campo um espaço em que todos se sintam representados através do ensino baseado em sua cultura e em seu modo de vida.

A escola Lili Queiroga no Assentamento Acauã surge como uma necessidade de atender as famílias que lá estavam acampadas, uma vez que, estes viviam nessas terras, precisavam de uma escola em que seus filhos pudessem estudar sem precisar se locomover até a cidade. A escola:

[..]. Foi criada em dezembro de 1998 (inauguração) no governo municipal do senhor José Alves de Sousa. A referida escola teve sua origem na antiga fazenda Acauã do ex-proprietário Tota Assis como era chamado. A mesma pertencia ao município de Sousa-Pb.

A escola foi construída no ano de 1970, na administração da ex-prefeita Clarice Pires. A instituição recebeu esse nome em homenagem a mãe dos Clotários, herdeiros de parte da fazenda Acauã.

Na emancipação da cidade de Aparecida, em 1994, a escola passou a pertencer ao referente município. Em 1995, parte da fazenda Acauã que pertencia aos Clotários foi ocupada por um grupo de trabalhadores “Sem Terra”, conquistando-a em outubro de 1996.

Com a construção de uma agrovila para assentar os “Sem Terra”, em seguida no ano de 1997, surgiu à necessidade em caráter de urgência da construção de uma escola.

Em 1998, o ex-prefeito José Alves de Sousa, com recursos do governo federal e com o governo municipal de Aparecida foi construída a escola, sendo inaugurada em dezembro do referido corrente ano.

Devido ao grande número de alunos estudando em barracos, surgiu a urgência de funcionar a escola. Dessa maneira, até hoje a escola continua com o mesmo nome, designado de Escola Municipal de Ensino Fundamental Lili Queiroga. (PPP, 2016, p. 11).

Uma escola do campo deve mostrar a importância do trabalho com a terra, reforçando cada vez mais que com o trabalho também se constrói conhecimento e que tudo isso faz parte de uma cultura muito importante para o nosso País. A escola tem que colocar o campo como território de produção; de vida, de memórias, e de um projeto de desenvolvimento. Tornar a escola um espaço de vínculo entre ensino, educação e trabalho. (ALENCAR, 2010, p. 209).

É preciso que seja uma escola que esteja em constante contextualização com tudo o que acontece a sua volta, pois é certo, que tudo que está em seus arredores constituem elementos essenciais para o ensino das mais variadas disciplinas em sala de aula. Estamos em época de muita informação e as crianças, principalmente, tem uma curiosidade natural que precisa ser usada a favor do processo de ensino-aprendizagem. Ainda é preciso esclarecer que:

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se é assim, ajudar a construir escolas do campo é, fundamentalmente, ajudar a constituir os povos do campo como sujeitos, organizados e em movimento. Porque *não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo*, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro (CALDART, 2003, p. 66).

Quando se fala em uma escola específica para as pessoas que vivem no campo, muitos pensam que se trata de uma escola diferente das demais da cidade. O que na verdade se almeja é um currículo diferenciado. Não é que a escola do campo em seus ensinamentos não trate assuntos sobre a cidade. Até porque existe uma relação entre este e a cidade. Em questão de consumo de muitos produtos e também de sua venda. Para que essas pessoas possam usar serviços de saúde e muitos outros serviços é preciso que se desloquem até a cidade.

Para que haja também um ensino de qualidade é preciso que a escola disponha de uma estrutura física (**Imagens de 03 a 11**) em ótimo estado, uma vez que, a escola é um todo, sendo assim, desde a estrutura até o ambiente que se cria em sala de aula pode influenciar no aprendizado do aluno. Na escola Lili Queiroga, a estrutura propicia um ótimo ambiente para os alunos principalmente no diz respeito a recreação. No que se refere a estrutura da escola, segundo o PPP (2016. p. 12), a mesma:

[...] dispõe de uma área de construção de 142,22 m² sendo que a área coberta é de 181,56 m². Conta com duas salas de aula, uma Secretaria, sala da diretoria, cozinha, dois banheiros, almoxarifado e uma biblioteca. Conta com uma murada aos fundos da escola sendo a mesma feita de varas e em seu interior são encontradas algumas plantas frutíferas a exemplo da mangueira, cajueiro e bananeira. A água para o uso

geral provém do canal da redenção e para o consumo é proveniente da cisterna sendo uma das estratégias de convivência com o Semiárido. Quanto a equipamentos, a escola conta com um armário de madeira, um aparelho de DVD, quatro computadores, duas impressoras, uma televisão de vinte polegadas, um aparelho de som. A escola dispõe também de uma geladeira, um fogão industrial, dois liquidificadores, sendo um industrial e dois filtros.

As salas são todas equipadas com carteiras de acordo com o tamanho dos alunos da turma. Todos os professores da escola são efetivos e com ensino superior em pedagogia, ou seja, são habilitados especialmente para ensinar as crianças que estudam na escola. Estão capacitados para o ensino de qualidade, desde que, esses professores busquem estar antenados com que de novo acontece e o que já aconteceu na comunidade. A escola funciona em dois turnos, e um detalhe importante; não é uma escola multisseriada, ou seja, cada turma tem seu próprio professor e uma sala exclusiva para suas aulas.

Imagens 03 a 11: Estrutura física Escola Lili Queiroga.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

As aulas não acontecem apenas nas salas de aula do prédio da escola. Como são apenas 3 salas de aula e a tarde tem 4 turmas do 1º ao 4º ano, foi preciso colocar em funcionamento, uma sala no prédio da associação do Assentamento (**Imagens de 12 a 15**). Ficando assim, o 1º ano na associação e as outras séries na própria escola. A sala no prédio da associação de moradores é menor que as salas da escola, mas, segundo a professora, isso não impede o aprendizado dos alunos.

Imagens 12 a 15: Associação Comunitária.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

O prédio da associação conta com banheiros, algumas salas, onde funciona como sala de aula e outra comporta biblioteca com um pequeno acervo de livros e obras que estão acessíveis a toda comunidade. Ainda em suas instalações oferece um espaço que é utilizado para a realização das reuniões que são necessárias a comunidade e também serve como espaço de recreação para as crianças que estudam no local. Há um gelagua instalado para as crianças e, duas funcionárias que ficam à disposição para fazer a merenda e cuidar dos alunos. Tanto no prédio da escola, quanto na associação, tem alunos especiais que necessitam de uma atenção maior para a realização das atividades, por isso, a presença de uma cuidadora se faz de suma importância para auxiliar os professores nas atividades realizadas com esses alunos.

Ainda é preciso destacar que as atividades a serem realizadas são as mesmas para todos os alunos sem exceção. Apenas a metodologia usada para alguns alunos é diferenciada.

Para construir uma boa relação com os alunos, e para desempenhar de maneira satisfatória o seu papel, o professor precisa gostar do que faz e gostar da escola e do ambiente em que trabalha. No **quadro 01**, os sujeitos dessa pesquisa opinaram sobre o que é trabalhar em uma escola de assentamento.

Quadro 01: O que significa para você trabalhar em uma escola de assentamento?

Prof. A	Sinto-me gratificada, e assim como as demais comunidades, trabalhamos sempre voltado para a realidade local.
Prof. B	É um desafio a cada dia, pois nos deparamos com realidades diferentes e buscamos trazer os educandos para o mais próximo possível de sua realidade, valorizando os conhecimentos prévios.
Prof. C	Me sinto feliz em poder contribuir de forma positiva ao mediar e construir o conhecimento com os alunos, vejo que contribuo com um melhor futuro para eles.
Prof. D	É muito gratificante e desafiador, buscando associar os conteúdos/saberes escolares a realidade local.

Fonte: Organizado pelo Autor, Nov de 2017.

As professoras relatam sobre o desafio de ensinar em uma escola de assentamento, principalmente pelo fato de não residirem no local. Duas dessas professoras, residem na cidade de Aparecida, ou seja, moram mais próximas ao assentamento. As outras duas, moram na cidade de Sousa e todos os dias se deslocam até a escola. Além disso, durante a pesquisa elas informaram do risco que correm todos os dias, tendo em vista que, ocorrem assaltos de vez em quando na estrada que liga a cidade de Aparecida ao assentamento. Durante a realização da pesquisa ouvi falar de muitos assaltos cometidos na estrada, principalmente perto da curva da ponte.

Com base no quadro acima, podemos identificar quando uma das professoras usam o termo “mediar” no sentido de ser um professor mediador. Um professor mediador constrói a sua aula juntamente com o seu aluno. Não é apenas ele quem fala e compartilha suas experiências em sala de aula. O diálogo em suas aulas é sempre notado, o que resulta principalmente com quem tem um público de crianças, em uma maior proximidade e melhor

desenvolvimento da relação professor-aluno, o que por sua vez, chega a influenciar bastante no processo de ensino e aprendizagem.

Nos questionários as professoras foram indagadas sobre o tempo em que lecionam na Educação básica e também a quanto tempo está atuando na Escola Lili Queiroga (**Quadro 02**), e teve-se a obtenção das seguintes respostas:

Quadro 02: Anos de atuação dos professores na Educação Básica e na Escola Lili Queiroga

Professora	Há quanto tempo atua na Ed. Básica	Na Escola Lili Queiroga
A	15 Anos	2 Anos
B	10 Anos	2 Anos
C	7 Anos	6 Anos
D	9 Anos	9 Anos

Fonte: Organizado pelo Autor, Nov. de 2017.

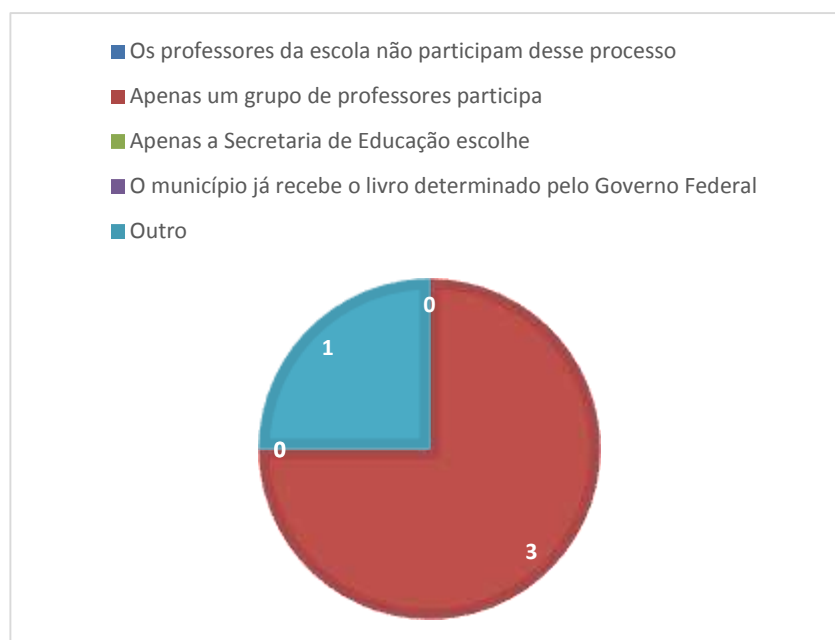
Todas as professoras participantes da pesquisa já tiveram experiências profissionais em outras escolas, seja da rede municipal de ensino da cidade de Aparecida, ou em outras cidades circunvizinhas. Elas relatam que a experiência já adquirida é importante para o funcionamento das salas de aula, tendo em vista que, durante esses anos em que atuam como profissionais da educação, refletem sobre as suas ações, conduta e posturas em sala de aula. No próximo item apresentamos o processo de escolha do livro didático adotado pelos professores da E.M.E.F. Lili Queiroga.

2.2. A escolha do livro didático no PNLD Campo, na Escola Lili Queiroga

A escolha de um LD é uma responsabilidade imensa que todas as Secretarias de Educação dos municípios, as escolas e os professores devem estar cientes da seriedade em escolher o material didático a ser usado durante todo o ano letivo. Gonçalves e Melatti (2017, p. 53) falam da importância da escolha de um LD e do manual do professor de acordo com a realidade da instituição em que estes sujeitos estão atuando. O que deve ser visto e notado em muitos casos é qualidade do material escolhido e não o preço “mais em conta” como muitos costumam falar.

A busca pela qualidade deve ultrapassar os ideais de custo. Assim, o LD não pode ser escolhido de qualquer forma, é preciso que tudo que nele está contido seja posto em um processo de reflexão profunda para a tomada de decisão do melhor manual a ser adotado. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 340). É de extrema necessidade a presença do professor na hora da escolha desse material. O professor conhece a realidade da escola e da comunidade em que leciona, logo, esse é o mais recomendado para fazer uma análise sobre as coleções disponibilizadas pelo Governo Federal. No gráfico (01) abaixo é possível observar quem participa da escolha do livro didático.

Gráfico 01: Sujeitos envolvidos na escolha do Livro Didático.



Fonte: Elaborado pelo Autor, Nov. de 2017.

No gráfico acima é possível identificar que apenas um grupo de professores participa da escolha do livro didático, o que significa que essa escolha é feita por todos os professores das escolas do campo da cidade de Aparecida. Apenas uma professora respondeu que os professores da escola acabam por não participar desse processo.

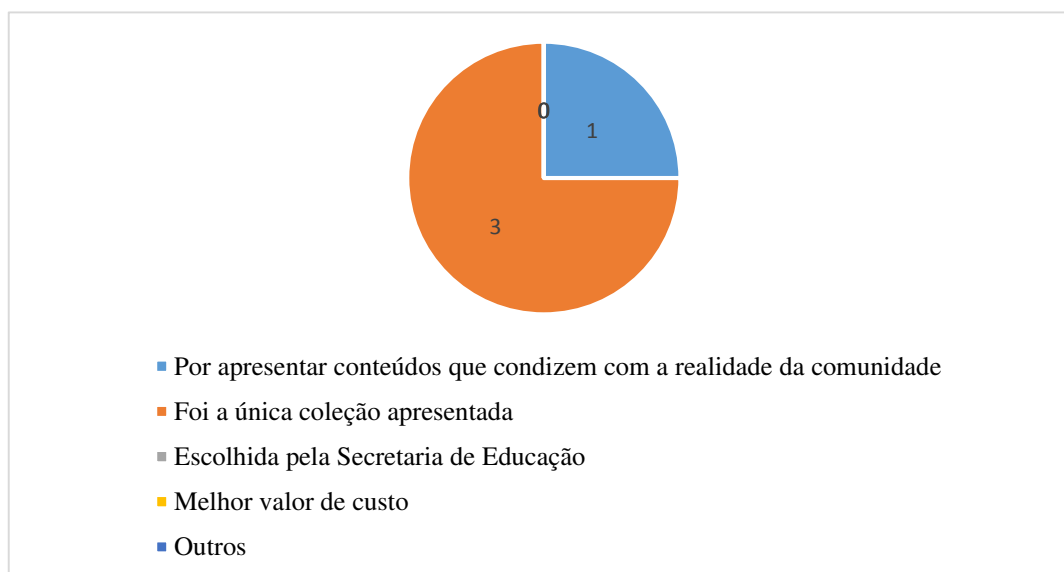
E assim justificaram suas respostas:

Professor A: O grupo de participantes interagem e decidem qual melhor se adequa a realidade da escola. **Professor B:** Através de uma análise dos livros ofertados pelos editores

os professores escolhem o mais votado pelo grupo. **Professor C:** Os professores são chamados a escolher, no entanto, geralmente oferece apenas duas opções e o livro que vem é o escolhido pela maioria, vejo que deveria ter mais opções e deveria ser por escola. **Professor D:** O grupo de professores interage e decide qual se adequa a realidade da escola.

No geral observa-se que os professores escolhem a coleção didática que melhor se insere no contexto local. Foram apresentadas as duas coleções aprovadas no PNLD 2016, a coleção Novo Girassol (foco desta pesquisa) e a coleção Campo Aberto. Para auxiliar o professor no momento da escolha no próprio guia estão explícitos alguns pontos sobre cada coleção que fortalecem as ideias no momento de escolha. Segundo as professoras, foi apresentada apenas uma coleção que foi a coleção Girassol e os motivos de escolhas estão expostos no gráfico (02) a seguir.

Gráfico 02: Motivo de escolha da coleção didática Girassol



Fonte: Elaborado pelo Autor, Nov. de 2017.

Fazendo uma análise sobre a coleção didática em questão, as professoras afirmam que a coleção escolhida é boa, por se tratar de uma coleção que traz mais de uma disciplina e por conterem conteúdos que condizem com a realidade local e outras. O conteúdo é um dos critérios para a escolha do livro didático. A linguagem, as imagens, as atividades propostas e o principal de tudo é o se o livro didático traz elementos que estejam de acordo com as práticas educativas existentes na comunidade. Percebe-se, segundo os professores, que eles não tiveram muitas opções para fazer a escolha de outros livros didáticos.

No Guia do PNLD campo está bem claro como deve ser feita a escolha da coleção didática por todas as escolas beneficiadas. A escolha deve ser feita da seguinte maneira: “[...] deve ser realizada a partir de uma **reflexão coletiva** entre os diretores, os coordenadores pedagógicos e os professores das redes de ensino, com base nas orientações constantes neste Guia”. (BRASIL, 2015, p. 19).

O item a seguir mostra os resultados de uma análise realizada nos livros didáticos da coleção Novo Girassol: Saberes e Fazeres do Campo, tendo como principal elemento a representação do território camponês e das diferentes culturas que o campo apresenta.

2.3. Análise da Coleção Girassol frente às exigências da Política Pública da Educação do Campo

Não se pode negar o direito de educação a nenhum cidadão, nem tão pouco de serem educados no conforto do lugar onde vivem. Escolas com um currículo construído tendo como alicerce a Educação do Campo. Escolas em que o material didático, a exemplo do livro didático, precisa atender todos os objetivos e exigências que precisam ser cumpridas, para que realmente aconteça uma Educação do e no campo, de qualidade. Por isso, verificar se os elementos que constituem a estrutura presente do livro didático estão realmente de acordo com a Política Pública da Educação do Campo, é de perto, muito importante.

Nesse trabalho mais especificamente, nos referimos a uma análise de livros didáticos que correspondem ao PNLD campo do ano de 2016, sendo escolhido, dentre certo número de livros que compõem a coleção apenas 7, já que, os livros do 5º ano não estão sendo analisados nessa pesquisa, pois, a pesquisa ficou direcionada apenas de 1º ao 4º ano da escola Lili Queiroga.

Foram escolhidos para uma análise os seguintes exemplares: Letramento e Alfabetização e Alfabetização Matemática (1º ano), Alfabetização Matemática e Ciências, Letramento e Alfabetização e Geografia e História (2º ano), Alfabetização Matemática e Ciências (3º ano), Língua Portuguesa Geografia e História, e Matemática e Ciências (4º ano), e o livro de arte que corresponde as 3 séries (1º, 2º e 3º anos). Sendo assim, a seguir encontram-se pontos centrais presentes nos livros didáticos analisados.

Partimos para a análise de alguns exemplares da coleção novo girassol: saberes e fazeres do campo, com o objetivo de atentamento sobre os conteúdos, as imagens e outros elementos que formam o livro didático, vindo de encontro a uma educação contextualizada com os saberes e conhecimentos do campo. A população do campo é vasta, daí a necessidade

e responsabilidade das editoras e dos autores em planejar um material que possa abarcar diferentes realidades, é um dever a ser cumprido.

A elaboração de um livro didático exige um processo de compreensão e conhecimento da realidade. Escrever sobre algo novo ou algo que não se conhece a fundo pode causar danos a educação ou ferir as mais diversas culturas existentes no espaço camponês. Assim começamos a análise a partir da formação de alguns autores e sua proximidade com a Educação do Campo. Também usaremos como principais elementos, a linguagem dos textos apresentados pelo livro didático, conteúdos e algumas imagens selecionadas dos livros didáticos escolhidos, para uma análise acerca dessas.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), falam que um dos elementos fundamentais para a análise de um livro didático são os autores. Deve-se questionar quem eles são, onde estudaram, onde lecionam e a sua formação. Em toda a coleção Novo Girassol: Saberes e Fazeres do Campo, de todos os volumes, apenas o livro que tem as disciplinas geografia e história, tem as duas autoras envolvidas com a Educação do Campo. A autora Tânia Maria Mares Figueiredo, atua como professora e pesquisadora em Educação do Campo, no Instituto Federal do Norte de Minas e a Suely Almeida Porto Miranda, é coordenadora do Centro de Formação de Professores do Campo da Secretaria Municipal de Educação de Almenara – MG. Uma, é especialista, e a outra, faz pesquisa na respectiva área. Portanto,

Partimos da premissa de que o PNLD Campo 2016 reconhece uma concepção pedagógica voltada para a educação do campo, tornando-se necessária a produção de recursos didáticos vinculados às especificidades do campo, constituindo assim uma política pública voltada ao interesse das populações camponesas. No entanto, acreditamos que tanto as editoras que produzem esses recursos didáticos, bem como o próprio PNLD Campo, não levam em conta a formação profissional de quem trabalha na questão da educação do campo. (NEGRI, 2017, p. 39).

Alguns dos autores e autoras possuem formação na área de pedagogia, o que é indispensável, pois temos que lembrar que a coleção é destinada para crianças dos anos iniciais. Outros possuem graduação nas respectivas áreas em que elaboram os textos e atividades, ou possuem outros níveis de ensino na área da educação. Mas, nada justifica a ausência de mais agentes envolvidos na Educação no e do Campo. Os profissionais que fazem parte da história do campo e dos movimentos sociais conseguem enxergar e expor melhor no livro didático os fatores e objetivos da Política Pública da Educação do Campo.

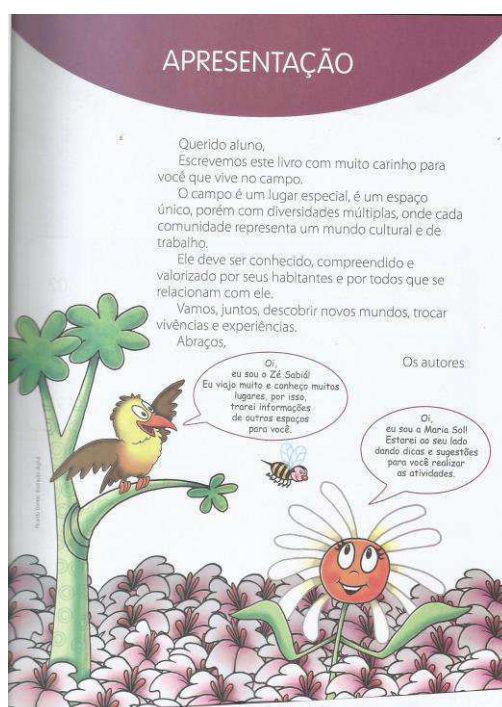
O Guia do PNLD campo 2016 ao apresentar a coleção novo girassol: saberes e fazeres do campo, diz que toda a coleção valoriza as mais diferentes culturas existentes no campo, levando em conta o seu modo de vida, a forma de se relacionar com as pessoas, as

brincadeiras, o trabalho, e as festividades que acontecem nesse espaço. Além disso, apresenta toda uma valorização da cultura seja através das histórias contadas e de muitos outros aspectos que estão dentro da dinâmica de funcionamento do território camponês. Além disso, faz uma representação da luta dos movimentos sociais, entre eles o MST, e suas conquistas na legislação brasileira. (BRASIL, 2015, p. 44).

Logo de início na apresentação dos livros (Figura 1), os autores enfatizam a importância que se deve dar ao campo, pois o campo é um espaço rico em todas as dimensões, de cultura, de vivências e de conhecimento. Reforçam a obrigatoriedade de elaborar materiais para os alunos que vivem no campo. Apresentam dois personagens que estão presentes em toda a coleção, o passarinho Zé Sabiá, que vem apresentando no livro um mundo de imagens, de pessoas, lugares, paisagens e etc., e a Maria Sol que, como o próprio nome já diz, ilumina o caminho no auxílio da resolução e realização das atividades.

O personagem Zé Sabiá (pássaro) é apresentado como se fosse apenas um desenho que apresenta os conteúdos, além dos conhecimentos locais, fazendo uma comparação ou trazendo elementos de outras realidades e outras regiões do país e do mundo. A Maria Sol (representada na figura de um girassol), tem um pouco mais de destaque na coleção, porque é como se esse personagem fosse a base de explicação para todos os textos e atividades apresentados no decorrer de todos os livros didáticos da coleção.

Figura 01: Apresentação dos Livros da Coleção Novo Girassol



Fonte: CARPANEDA, et al. 2014.

Todas as apresentações têm as mesmas palavras e os mesmos personagens. O que diferencia uma apresentação da outra, é apenas a forma em que esses personagens se apresentam. Em outros livros da coleção, ao invés dos personagens aparecem em galhos e entre as flores, os autores apresentam esses personagens infantis, montados em bicicletas, o que nos remete a qualidade de vida dos moradores do campo, que passeiam em busca de uma boa forma física, como terapia, em busca de melhorias na saúde. Vale lembrar que o passeio de bicicleta não é algo que lembra só o campo, mas também a cidade.

No campo tem-se um espaço mais aberto e sem muitos perigos como os que ocorrem na cidade. Há uma maior liberdade e uma respiração de ar puro, que muitas pessoas se deslocam da cidade até as comunidades em busca desses elementos. A forma como essas ilustrações vem expostas nas páginas do livro didáticos, mexe com o imaginário dos alunos, que não dominando muito a leitura e a escrita, conseguem entender o que as imagens querem passar.

Algumas imagens retratam como é o dia a dia de uma pessoa que vive no campo. Como é a forma de trabalho e como essas pessoas constroem a sua relação com a terra. As imagens se tornam importantes para conhecer um pouco das memórias que estão presentes no campo. Por meio das representações das imagens os alunos conhecem um pouco mais sobre a sua própria cultura. Segundo o Guia do PNLD campo 2016, ao falar da Coleção Girassol faz as seguintes considerações:

A coleção propõe atividades individuais e em grupo favorecendo interações para diferentes aprendizagens. É possível reconhecer atividades que tratam de estimular partilhamentos de experiências quando sugere que os estudantes conversem entre si ou socializem as respostas dadas individualmente ou obtidas nas conversas realizadas com familiares e/ou outras pessoas de seu convívio. Isso permite ampliar o diálogo da escola com a família e a comunidade, de modo a estreitar o contato dos saberes escolares com aqueles produzidos em espaços não escolares. (BRASIL, 2015, p. 44).

Na citação acima, percebe-se que o PNLD objetiva também a construção de um diálogo entre os alunos, o compartilhamento de vivências que, por mais que morem na mesma comunidade não significa que compartilham das mesmas atividades no dia a dia. O modo de perceber as coisas é diferenciado, ninguém possui a mesma visão e o mesmo significado sobre as coisas (Não me refiro a conceitos em específico, e sim ao modo de sentir de cada um), o sentimento que cada um tem com algo, é particular.

Como essa pesquisa foi realizada em uma escola que está dentro de um assentamento, algumas imagens nos remetem também a algo que é forte dentro desses espaços, a agricultura

familiar, onde as crianças ajudam seus pais no plantio de hortas e também na colheita de alguns produtos que são produzidos pela família (**figura 02**). Essa figura está na parte de ciências do livro do 2º ano, complementando o texto intitulado “Meu corpo, minha vida”, realçando a importância que é praticar atividades, e mostrando que em tudo o que fazemos o nosso corpo está se movimentando a toda hora.

Na mesma imagem tem uma segunda figura que está ensinando a criança que, ela deve também brincar, ao mesmo tempo em que ajuda seus pais. Isso acaba também fazendo que os alunos, mediados pelo professor, coloquem em pauta as atividades que realizam em conjunto com suas famílias, e as brincadeiras que esses realizam com seus amiguinhos de classe, ou não. Essa figura é muito explicativa e significativa no processo de ensino-aprendizagem, pois, vem trazendo também o trabalho no campo como elemento facilitador na construção do conhecimento, e a importância desse na inserção do currículo escolar.

Figura 02: Crianças ajudando os pais na colheita e brincando no campo.



Fonte: BONJORNO, *et al*, 2014.

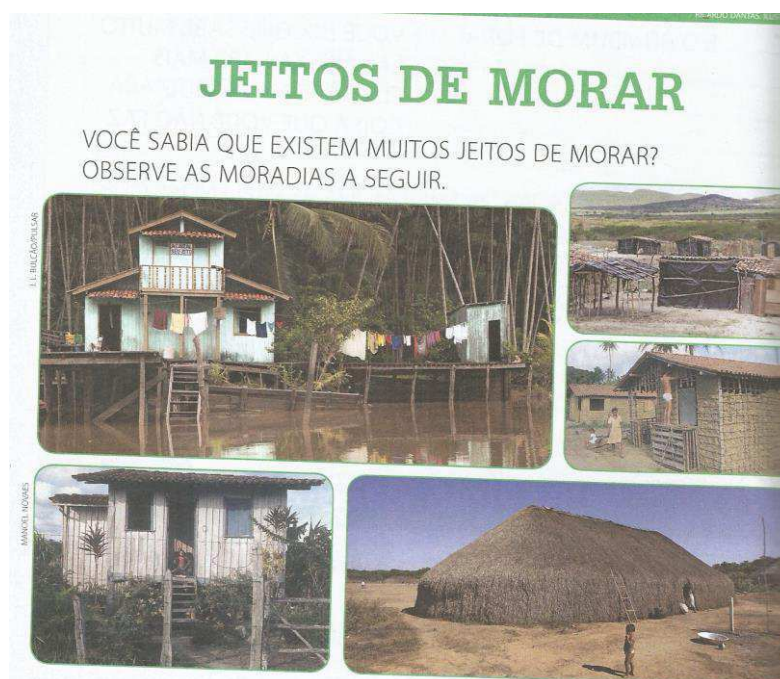
Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), revelam que a imagem proporciona ao professor e ao aluno fazer reflexões sobre o lugar em que vive e outro lugar qualquer e, que essas, por sua vez, estão carregadas de muito sentido que reforçam as ideias centrais contidas no texto.

Com a representação das imagens os autores também mostram as histórias que os pais contam para as crianças, como a cuca e outros personagens que fazem parte do folclore. E em seguida são desenvolvidas atividades sobre os textos ou sobre as pequenas histórias de cada um dos personagens. A contação de histórias como propostas no livro didático, ajudam no

desenvolvimento da imaginação de quem lê, no caso dos textos, de quem vê, no caso de não saber ler e apenas ver a imagem, como também desperta a imaginação de quem acompanha as leituras realizadas pelos professores sobre essas histórias. No livro *Letramento e Alfabetização e Alfabetização Matemática do primeiro ano*, após a história da cuca, tem como proposta uma atividade de elaboração de um mural, onde as crianças fazem seus desenhos e depois colocam no mural observando o que mais se parece com o desenho original. Isso tem como finalidade, o despertar de uma boa observação a partir do imaginário da criança apresentado em um papel. A observação é uma técnica de pesquisa muito importante que o professor a partir das imagens apresentadas no manual didático precisa trabalhar com seus alunos, pois, essa é fundamental para o futuro escolar do aluno. Além disso, as imagens também possibilitam uma leitura sobre o espaço do campo apresentado e ilustrado no LD e o real.

As imagens apresentam a realidade dos povos do campo, mostrando suas condições de moradia (como exposto na **figura 03**), que são diferentes, dependendo das condições climáticas, que precisam de moradias adaptadas, e também as condições de cada família em poder construir uma casa de qualidade, ou essas moradias podem seguir um modelo cultural, como é o caso dos espaços de moradia dos índios.

Figura 03: Moradias dos povos do campo



Fonte, *CARPANEDA, et al.* p. 48.

Na figura acima, observa-se na primeira imagem, moradias típicas dos ribeirinhos que vivem na região Amazônica, são construídas sobre estacas de madeira e adaptadas para tempos de cheia. Nas demais imagens têm-se algumas barracas e casas de taipa que são principalmente vistas nas áreas rurais das cidades. A última é a Oca, construída em palha pelos índios. Nas áreas de acampamento e assentamento, é comum também a existência de barracas cobertas de palha, outras com lona, até que seja dada a posse da terra e venham as verbas para o projeto de construção das casas de concreto e tijolo. Geralmente, essas figuras são acompanhadas de alguns questionamentos que são respondidos oralmente pelos alunos, comparando as moradias das imagens, com as casas da comunidade.

Além dos autores e imagem, aparecem outros elementos importantes para analisar um livro didático: a linguagem e as atividades, esta última, vem como uma forma de colocar em prática o conhecimento apreendido. No que se refere a:

Linguagem: Esse aspecto do livro é de grande importância, porque, se o aluno tiver diante de uma linguagem inadequada para a sua idade, do ponto de vista de sua compreensão, ou distante de sua realidade, certamente o livro não será um auxiliar nem para ele, aluno, nem para o professor [...]. O autor que tiver compromisso com o público de estudantes[...] precisa estar atento para que, no livro, não exista apenas a própria linguagem. Há necessidade da inclusão de poesias, músicas, textos de jornais, de revistas e de outros autores que escrevam de forma mais erudita. (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, p. 346).

A linguagem nos livros não precisa ser informal para que os alunos entendam. Claro, em cada região do País tem uma forma própria de falar. Mas, o livro didático mesmo se tratando, deste especificamente para o campo, precisa estar em uma linguagem culta e de fácil compreensão para todas as comunidades. Exceto, pode ser, no livro didático regional, que não se encontra presente na pesquisa, que pode ter algumas palavras que são usadas somente em dada região.

Em todos os livros analisados, os textos estão em uma linguagem proporcional para a idade dos alunos. Tem-se que lembrar que, a leitura e a capacidade de entender os textos não dependem apenas livro didático. A responsabilidade de manter uma linguagem que esteja ao alcance dos alunos de determinada série é uma responsabilidade atribuída aos autores dos livros didáticos, porém, em tudo, tem que haver a participação ativa do aluno e do professor, para o entendimento das palavras que formam todo o conteúdo exposto no livro didático.

Um fato bem interessante encontrado nesses livros, é a forma como os autores citam outros autores dentro do texto, seja nas imagens, nos textos, poesias que foram escritas por outros autores, todos estão escritos em ordem direta e sem abreviações. Os autores da coleção

levam em conta, que esses ainda estão em processo de alfabetização, e se for levar em conta as regras ABNT, nesse caso, pode atrapalhar o processo de leitura dos alunos. Essa foi uma escolha dos próprios autores pensando na leitura a ser desenvolvida pelos alunos. Cabe ao professor, caso o aluno não consiga entender o que está escrito, facilitar através de uma leitura conjunta, para auxiliar o aluno, se preciso, com uma linguagem mais informal. Por se tratar de livros destinados aos alunos de 1º a 5º ano, em alguns casos, tem alunos que ainda não desenvolveram um nível de leitura que permita ler e entender determinadas palavras.

Sobre as atividades do livro didático Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), trazem as atividades como sendo algo complementar que deve servir para o avanço da compreensão dos conteúdos do texto e que nessas, não é obrigatória a sua elaboração apenas com partes excertas do texto. As atividades devem conter elementos essenciais do texto, mas, também, devem ter como complemento outros textos que não estão no corpo dos capítulos.

As atividades apresentadas na coleção girassol seguem o que as autoras acima estão mostrando. Além dos textos que servem de apoio para a resolução das atividades, logo abaixo, costuma-se apresentar dicas de leitura de livros infantis ou de outros livros com linguagem mais apropriada, para complementar as leituras que já estão sendo realizadas. As atividades de todas as disciplinas vêm acompanhadas de uma explicação pelo personagem Zé Sabiá que mostra a origem de alguns conteúdos, ou algum elemento que considere importante e de relevância para o entendimento do conteúdo e das atividades.

3. CORRELAÇÕES ENTRE O LIVRO DIDÁTICO E A FORMAÇÃO/ATUAÇÃO DOCENTE

A negação do Estado em relação a formação continuada de educadores faz com que estes, muitas vezes, não tenham uma formação adequada para atender as necessidades dos alunos frente aos novos recursos a serem utilizados em sala de aula. Neste capítulo, apresentamos características da Educação Continuada na escola Lili Queiroga e a sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem com a interação de novos recursos didáticos.

3.1. A Formação Continuada Docente: situando os múltiplos usos de recursos didáticos

Tudo está em constante processo de mudança e de atualização e o novo muitas vezes assusta a quem o busca. Porém, alguns profissionais estão acostumados a uma rotina de reclamações sobre as condições das salas de aula, salários, condições dos materiais de trabalho e etc., dessa forma acabam esquecendo algo não mais importante do que os já citados, mas que é indispensável para a sua vida profissional; a sua formação. Essa formação não termina na graduação, ela apenas está começando. É o final de um ciclo e o início de outro. A formação nunca para, é algo constante e todos os dias devemos aprender e apreender elementos novos para a nossa formação, assim:

[...]. A formação continuada no paradigma inovador acompanha a necessidade que o professor tem de buscar qualificação ao longo de toda a sua vida profissional, que pode acontecer na própria escola, nas universidades ou nos centros de formação a fim de discutir e encontrar, em grupo ou individualmente, os caminhos para transformação de sua prática docente e a consequente aprendizagem das crianças. [...]. (SILVA, 2017, p. 3.881).

Nesse sentido, ao falar em formação continuada não devemos ficar presos a ideia de que o processo contínuo de formação está ligado apenas a formação do professor, esse era o papel desempenhado pela formação em tempos retrógrados. A inovação na formação busca formar os professores para melhor atender o seu público alvo; os seu alunado. A transformação de sua prática docente deve ser algo decorrente de sua postura docente em sala de aula. A formação continuada precisa estar pautada no processo de ação-reflexão-ação. Refletir diariamente o que acontece na sala de aula, permite que o educador reveja suas práticas, podendo assim melhora-las, pois, “a prática docente crítica, implicante do pensar

certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. (FREIRE, 1996).

Como o foco aqui é uma formação continuada voltada para a Educação do Campo, essa formação precisa ter em sua essência tudo o que envolve o campo. O professor que está buscando se atualizar em novas metodologias e novos recursos para serem utilizados em suas aulas, deve estar ciente que o uso desses novos recursos exige uma grande preparação e uma enorme responsabilidade para a construção do conhecimento dos seus alunos. Além disso, é responsabilidade da formação continuada possibilitar e ativar nos sujeitos que a buscam, o pensamento crítico sobre tudo que está a sua volta.

Castellar e Vilhena (2010, p. 43), afirmam que o professor cotidianamente deve estar analisando todos os materiais didáticos que ele tem disponível, sempre fazendo uma observação se esses estão proporcionando aprendizado ou não. As autoras ainda destacam que, quando se trabalha com o cotidiano, esse faz com que os próprios alunos se sintam parte e sujeitos de sua própria aprendizagem, o que significa estar acontecendo uma aprendizagem significativa.

Uma boa formação continuada principalmente que respeita a Política Pública da Educação do Campo, ao incentivar a prática de uma educação contextualizada, também deve motivar o professor a ensinar os valores em sala de aula e a repensar os seus próprios. Uma das preocupações do Mst também está nos valores a serem deixados como herança, mas:

Para o MST esta não tem sido uma batalha fácil: cultivar e recuperar valores humanos como a solidariedade, a lealdade, o espírito de sacrifício pelo bem estar do coletivo, o companheirismo, a sobriedade, a disciplina, a indignação diante das injustiças, a valorização da própria identidade Sem Terra, a humildade..., numa sociedade que dia a dia se degenera nos contravalores do individualismo, do consumismo, da apatia social, do descompromisso com a vida, da desqualificação de quem participa de lutas sociais... Mas é somente assumindo a tarefa de educar e reeducar as pessoas em seus valores, que o MST pode ajudar a realizar o que projeta em sua história. (CALDART, 2003, p. 55)

A tarefa da escola e do professor não deve se resumir apenas em ensinar os conteúdos das disciplinas determinadas pelo currículo. Não é apenas alfabetização e letramento, isso são coisas que o professor por obrigatoriedade deve ensinar e o aluno apreender. Mas é preciso também colocar o ensino de valores em sala de aula, e nada melhor para se vir os valores com o exemplo do professor, da família e da comunidade no geral. No MST o respeito é muito importante, pois se trata de uma “comunidade”, muitas pessoas batalhando pelos mesmos objetivos e mesmo que algumas ideias sejam individualistas, é preciso que reine diante dessas situações o respeito mútuo.

Na formação continuada o principal objetivo é fortalecer a identidade dos atores do campo de acordo com sua faixa etária, há atividades desenvolvidas no campo específicas para criança até os mais velhos, e essas podem ser exploradas pelos professores a partir da formação continuada. Uma das medidas:

[...] que os movimentos sociais vêm adotando para a formação de educadoras e educadores do campo é reivindicar e ocupar espaços nas políticas e programas de formação do MEC, das secretarias estaduais e municipais de educação. Uma estratégia a curto prazo, exigindo que nesses programas de formação se equacione a especificidade da educação dos povos do campo. [...]. Por exemplo, nos programas destinados à formação de educadores (as) da infância, reivindicam dar destaque ao conhecimento das formas específicas de ser criança e de viver a infância no campo, na agricultura familiar, no extrativismo, na pesca, nos quilombos e territórios indígenas; dar destaque ao preparo dos educadores (as) para a formação plena dessas infâncias. (ARROYO, 2007, p. 166).

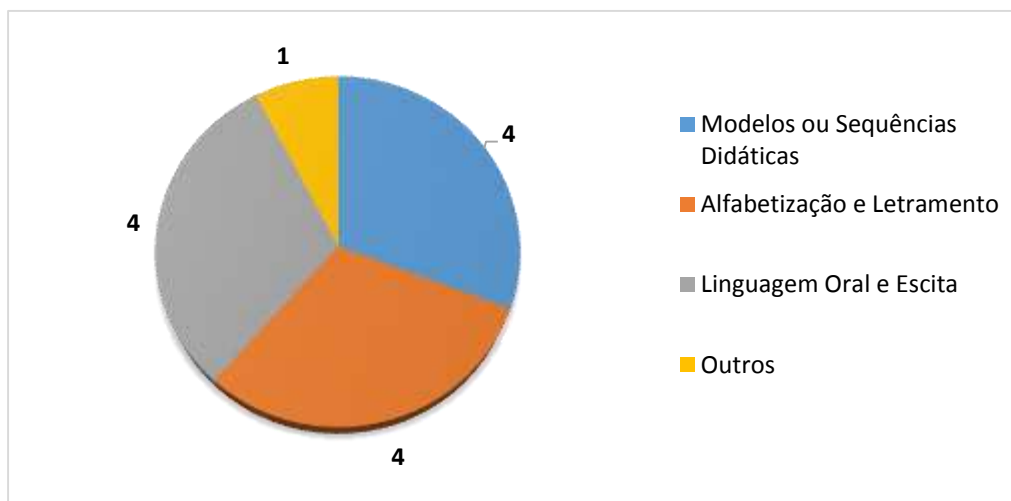
Para o professor que atua no campo uma formação continuada com base em tudo que é vivenciado no campo é imprescindível. A formação contextualizada tem que se fazer presente, uma vez que essa, segundo os professores, é trabalhada a partir da realidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa. Os professores, quando colocado em pauta questões sobre a formação continuada atual promovida pela Secretaria de Educação, todos relataram que é pautada e baseada na educação contextualizada e, que o processo de formação continuada é constituído também nas leis que asseguram a Educação do Campo. Ainda sobre a formação continuada alguns responderam no questionário que essa também é ofertada pela CPT/SERTÃO-PB.

A partir da participação nos momentos de formação da educação continuada, algumas práticas que eles tinham foram sendo repensadas e outras novas forma sendo colocadas. Ao perguntar se mudou alguma coisa em suas práticas a partir da formação continuada, eles responderam que a educação continuada transforma em todos os aspectos.

Uma das professoras respondeu: **Professora A:** O método de ensino, o olhar direcionado para o campo. Antes participaram de alguns processos de educação continuada, mais não eram relativos ao campo. Outra respondeu: **Professora C:** Passei a dar mais valor as coisas do campo (a terra, a história da vida do agricultor), pois, nasci no campo e tenho familiares lá. A professora, hoje, não mora mais no campo. Mas, afirma que nunca esquece suas origens e essas, são importantes para o ensino na escola em que atua. Outros se referiram a questões metodológicas: **Professora B:** A metodologia de ensino, onde busco trabalhar conteúdos contextualizando as suas vivências no Campo. E ainda, um novo olhar para uma

educação contextualizada, valorizando a cultura dos nossos alunos. **Professora D.** No **gráfico (03)** a seguir encontram-se os eixos norteadores oferecidos pela formação continuada.

Gráfico (03): Eixos Norteadores da Formação Continuada



Fonte: Elaborado pelo Autor, Nov. de 2017.

Todos esses eixos norteadores fazem parte da formação continuada dos professores da rede municipal de ensino do município de Aparecida. Segundo os educadores, ainda existem outros eixos norteadores que visam desenvolver o diálogo e desenvolvimento prático através de jogos e brincadeiras que trabalham leitura, escrita, raciocínio lógico e memorização.

A formação acontece nas reuniões PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), no espaço pedagógico em Aparecida- PB. Apenas uma citou o projeto de extensão da UFCG que trabalha com a formação continuada de professores no Assentamento Acauã. O projeto de extensão que cuida da formação continuada de professores é o Probex 2017 (UFCG, 2017), neste caso, nos dias da reunião de todos os professores da escola do campo, nos reunimos, depois de dialogar com todos, apenas com os professores da Lili Queiroga (**Imagens 16 e 17**).

Nesses encontros da formação continuada, trabalhamos juntamente com os professores oficinas e atividades que, posteriormente, podem ser aplicadas em sala de aula. Também levamos para os professores sugestões de atividades que constam em um roteiro quinzenal de atividades, elaborado pelos componentes do projeto PROBEX 2017. Além disso, o projeto atua diretamente nas salas de aula da escola, desenvolvendo com a participação dos professores e alunos, atividades para o desenvolvimento da leitura e também sobre o conhecimento da cultura local. Tudo é pensado e planejado de acordo com o que os professores indicam para ser trabalhado durante a semana.

Imagens 16 e 17: Formação Continuada de Educadores das escolas do campo na SME de Aparecida.



Fonte: PROBEX, 2017.

Nas imagens acima, têm-se encontros realizados em época de São João e São Pedro, com a formação voltada para atividades a serem trabalhadas durante esse período. Alguns exemplos de atividades indicadas para essa semana, forma atividades para colorir e textos que mostrassem a importância dessas datas para a população camponesa. Vale lembrar que, um dos objetivos do projeto é fortalecer a Educação do Campo com materiais que busquem enriquecer essa cultura, além de estar propiciando aos monitores do projeto, a oportunidade de se aproximar conhecer sobre a Política Pública da Educação do Campo.

3.2. A Coleção Girassol fortalece a identidade e o território camponês

A coleção apresenta fortes aspectos que caracterizam a identidade do camponês, como textos sobre os direitos da comunidade campesina, específicos sobre cada cultura, as atividades que são realizadas no campo, enaltecendo que essas atividades são ferramentas fundamentais para processo de ensino-aprendizagem. Levando em consideração que toda a atividade, ou trabalho realizado no campo, possibilita o aprendizado de um enorme conhecimento que pode e deve ser usado em sala de aula a favor da educação. Traz uma ideia renovada de que o campo não é menos importante que a cidade, mas sim, coloca o campo como elemento fundamental para o funcionamento da cidade, também não menosprezando a cidade, que a população camponesa também usa muitos serviços que só são oferecidos na cidade. Toda a coleção coloca em pauta a figura do camponês em todos os aspectos. Mais, destaca-se aqui, o campo bem mais realçado nas disciplinas de História e Geografia, que em seu decorrer os autores discutem elementos do campo em uma reflexão mais profunda. Assim, na coleção:

Existe uma articulação entre Geografia e História a partir de uma questão temática: a vida no campo. As unidades abordam as vivências dos alunos, os saberes e fazeres da terra, o campo e suas histórias, o cidadão no campo, história e memória da comunidade, povo e cultura, tempos e sujeitos. Aborda-se, também, o campo como lar, as riquezas da terra, as comunidades campesinas e as relações entre campo e cidade, lugares e paisagens, terra, trabalho e renda, as populações do campo, o município, território do campo e da cidade. (BRASIL, 2016, p. 45).

Com todas essas temáticas abordadas nos conteúdos do livro, os seus leitores estão conhecendo sobre a sua própria cultura, elementos do passado e do presente que estão relacionados à sua identidade. Em seus conteúdos, o livro didático faz referências ao modo de como os camponeses mantêm um contato mais próximo com a terra. A importância dos cuidados com terra como se estivessem cuidando do seu próprio corpo. Pois, da mesma forma que o nosso corpo tem vida, a terra também é cheia de vida e essa deve ser cuidada. Quando se trata da geografia, muitas são as imagens apresentadas mostrando as paisagens do campo, aliás, não só na geografia, e sim, em todas as disciplinas. A leitura da paisagem, a compreensão do que ela significa para os povos do campo, para seu povo, faz com que esses alunos cada vez mais reacendam a vontade de conhecer sobre o seu próprio lugar.

Estou abordando a geografia e a história, como formadoras da identidade campesina na coleção, porque essas são disciplinas, que mais que as outras, ajudam a entender um pouco mais sobre o campo e tudo o que está em seus arredores. Assuntos como populações campesinas, o trabalho e a renda, paisagens e lugares, são fortes nos livros que contem essas

disciplinas na coleção. A própria coleção (no todo), já é uma conquista para os alunos do campo. A identidade é construída, também, através do processo de lutas, e das conquistas dos direitos para uma educação no e do campo. A coleção mostra diversas imagens do território camponês discutindo aspectos e características da população que vive no campo.

3.3. A Atuação Docente e a utilização do Livro Didático Campo

Em torno do livro didático criou-se um espaço de muitas discussões principalmente no que diz respeito ao seu uso. Como esse é usado em sala de aula depende unicamente do professor. Esse muitas vezes é usado apenas como um elemento para a transmissão de conhecimento sem nenhum processo de reflexão sobre o que vem sendo apresentado em suas páginas. São distribuídos livros didáticos para os alunos e para os professores, “[...], este deve procurar lê-lo atentamente, tendo em vista o aproveitamento de sugestões para enriquecer seu trabalho e ampliar sua formação profissional”. (COLTED, 1969, p. 53). Mesmo com o uso do livro didático:

O professor, ao organizar os conteúdos, deve pensar sobre eles e planejá-los para o seu curso, imaginar como será a aula e, em seguida, reorganizá-la, sendo esses procedimentos a base de todas as ideias que se concretizam. Isto é, pensar em como se organiza a aula, desde os objetivos e conteúdos até o passo-a-passo das atividades. Para isso, vale considerar os objetivos que serão trabalhados com os alunos. [...]. (CASTELLAR E VILHENA, 2010, p. 7).

Para utilizar o livro didático em sala de aula, também exige responsabilidade e um planejamento cuidadoso, pois, o professor deve estar ciente de que não necessário montar suas aulas com o LD sendo o seu ponto central. É de fundamental importância compreender em que momento se pode utilizar um LD, e traçar objetivos para as aulas para que não fique apenas jogando conteúdo sem sentido, pois, “o Livro didático, aparentemente, tem como produto o conteúdo, mas o professor, ao revirá-lo, ao iluminá-lo, ao libertá-lo, ao desorganizá-lo e ao ouvi-lo, pode, sim, ter como produto o aluno, o seu pensamento, a sua produção de ideias”. (COSTELLA, 2017, p. 179).

O aluno precisa ter voz na sala de aula para que o professor consiga notar se o aluno, realmente aprende com as aulas baseadas nos livros didáticos. Estamos em dias de muita atualização tecnológica, onde os alunos, principalmente crianças, tem acesso a muitos meios de comunicação e informação. Mesmo sendo criança, consegue ter uma visão sobre as coisas. Ao olhar uma imagem apresentada pelo livro didático, facilmente podem se remeter ao que viram na tv, o que exige um bom estudo do professor para saber explicar o que aquela

imagem representa além do livro didático e permitir que o aluno fale sobre o que ele pensa sobre a imagem, deixando que ele use a sua imaginação construindo, assim, suas ideias e seu conhecimento.

A presença do livro didático na sala de aula não deve ser imposta como uma forma de autoridade do professor em relação ao aluno. A forma tradicional em que apenas se utiliza o que está no LD está ultrapassada. O ensino exige que outras formas para o ensino de disciplinas sejam colocadas em prática na sala de aula. Segundo a Colted (1969, p. 54) o livro didático deve ser lido pelo professor antes de ser entregue ao aluno. O livro didático é um “objeto” que precisa ser usado em favor do processo de ensino aprendizagem, tendo o professor como o mediador entre o livro e a realidade conhecida pelo aluno. Dessa maneira, nem aluno e nem professor se tornam sujeitos passivos no processo de ensino e aprendizagem. (CAVALCANTI, 1998, p. 138). Sobre o uso do Livro Didático pelos professores na Escola Lili Queiroga (Quadro 03) temos as seguintes informações prestadas pelos mesmos:

Quadro 03: Utilização do livro didático pelos 4 sujeitos da pesquisa

Professora	Como utiliza o livro didático em sala de aula?	Quando utiliza?
A	Utilizo como uma das ferramentas de instrumento em tempos que condizem com as competências e habilidades do programa SOMA.	Nos momentos que foi planejado dentro das competências e habilidades sempre que for preciso usando-o juntamente com outra ferramenta.
B	Trabalho de forma complementar as atividades e conteúdos abordados no programa primeiros saberes da infância.	Quando os conteúdos nele abordado se adapta as competências e habilidades do programa citado.
C	Através da leitura em voz alta, individual, coletiva, exposição oral, em dupla, também há conteúdos que o programa que seguimos exige e não tem no livro.	Quase cotidianamente. Seguimos um programa e depende do conteúdo exigido, sempre que possível utilizamos de pesquisas em outros livros ou via internet.
D	Utilizo associando com as competências e habilidades do programa primeiros saberes da Infância.	O uso do livro didático acontece mediante as competências a serem trabalhadas e/ou sempre que houver a necessidade.

Fonte: Elaborado pelo Autor, Nov. de 2017.

Todos os professores afirmaram que usam o livro didático em sala de aula, uns com mais frequência e outros não, mas que todos respeitam as competências e habilidades do

programa SOMA - Pacto pela Aprendizagem na Paraíba ou do PPSI (Programa Primeiros Saberes da Infância). Ambos os programas, foram criados pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba (SEE-PB) tem como objetivo a alfabetização de crianças até o 3º ano do Ensino Fundamental e que todos esses sejam alfabetizados na idade certa.

Ao utilizar o livro didático, tem-se uma enorme infinidade de materiais para o entendimento do que se propõe a fazer com o livro didático. Os professores destacam alguns dos materiais que são usados como matéria de apoio em suas aulas, são eles: **Professor A:** Atividades xerocadas, atividades em quadro branco, caderno, dicionário, vídeos, material concreto. **Professor B:** [...], vídeos e outros materiais de apoio como jogos. **Professor C:** Outros livros, internet e tarefas elaboradas de acordo com a realidade da turma. **Professor D:** [...], Datashow, cartazes, filmes, livros paradidáticos.

As atividades xerocadas são frequentemente usadas em sala de aula pelos professores. Na internet encontram-se disponíveis exercícios e pequenos textos que são adaptados pelos professores e usados durante suas aulas. O uso do dicionário auxilia na compreensão de alguns conceitos presentes que à primeira vista não ficam bem claros apenas na leitura do livro didático. O Datashow é apresentado principalmente para a apresentação de imagens, principalmente imagens sobre a comunidade. As imagens quando bem apresentadas consegue dar melhores do que apenas a leitura de um texto. O aprender a ler as imagens, também é fundamental no processo de alfabetização.

Todas as professoras relataram que o livro didático é um elemento indispensável no processo de ensino aprendizagem. As crianças quando observam as ilustrações ficam fascinadas querendo saber o que é cada imagem, o que acaba por despertar um interesse pela leitura e pelo conteúdo da imagem. A utilização de jogos permite desenvolver no aluno diferentes leituras sobre tema proposto para a finalidade do jogo. Sobre o uso dos jogos:

O primeiro ponto a ser analisado pelo professor que pretende utilizar-se de algum jogo em sala de aula é avaliar o objetivo que se quer atingir com a sua utilização. [...]. Conhecer a cultura, a estrutura social, a idade e os interesses do público ao qual as atividades se destinam, é uma condição imprescindível para a escolha correta da atividade, pois permite prever o tempo de concentração exigida e o grau de conhecimento necessário dentro de cada faixa de desenvolvimento dos estudantes. Após definidos o objetivo e o público, deve-se analisar o material necessário para a atividade, que precisa estar adequada à realidade; é necessário levar em conta a possibilidade de reposição do material que possa eventualmente ser estragado ou perdido. Avaliar o tempo e o espaço necessário para a realização da atividade com os jogos, evita confusões que possam tumultuar o desenrolar do trabalho. Qualquer jogo requer um tempo para ser desenvolvido e aplicado de maneira satisfatória, por isso a sua utilização deve ser avaliada e programada previamente, em termos espaciais e temporais. Apresentar um jogo novo com alguns minutos para acabar a aula, seguramente não produzirá um bom resultado. Considerar o espaço necessário,

a organização dos móveis e a limpeza do ambiente, faz parte do planejamento preliminar que é importante para o sucesso da atividade com jogo em sala de aula. (TEIXEIRA E APRESENTAÇÃO, 2014, p. 307).

O jogo quando bem elaborado pelos professores e bem aplicado com os alunos, além de estar desenvolvendo a criatividade do professor (que é algo indispensável nas aulas e também no uso do LD), está também dando a oportunidade ao aluno de pensar e desenvolver maneiras e formas de aprendizado diferenciado, além de estar, dependendo do tipo de jogo montado, a usar da paciência, estudo e estratégias para o seu próprio aprendizado.

Os filmes geralmente na Escola Lili Queiroga são passados na sexta feira, pois, é um dia destinado a recreação. Segundo as professoras os alunos já passam a semana toda estudando e na sexta-feira a escola proporciona um momento de lazer, o que não deixa de ser também uma aula de construção de conhecimentos. Juntamente com os alunos através das atividades realizadas, ambos acabam como resultado tendo uma maior interação e um aumento da confiança em todos os sentidos da educação. Outros livros também são usados além do livro didático que a escola utiliza normalmente. Livros de histórias em quadrinhos, livros ilustrativos apenas com imagens, e outros.

O professor deve usar o LD com muita consciência, entendendo que o seu uso feito de maneira errada pode prejudicar o aprendizado do aluno, ou de uma turma inteira. Cada turma tem especificidades e usar apenas o livro didático como recurso único, pode resultar em sequelas na educação da turma. O livro precisa ser usado sim em sala de aula, mas é preciso quando e como fazer uso desse. Não é preciso seguir ao pé da letra tudo o que o LD manda. É preciso fazer uma ponte entre o conhecimento empírico e o conteúdo oferecido pelo livro didático. (COLTED, 1969).

4. CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa ao estudar o uso do livro didático da Coleção Girassol: Saberes e Fazeres do campo na escola Lili Queiroga, além de possibilitar um conhecimento sobre a representação do território camponês nos livros didáticos, permite um maior conhecimento sobre o Assentamento Acauã e sua cultura. Fala-se muito sobre assentamentos de reforma agrária, porém, poucos conhecem a verdadeira realidade. É um povo que luta dia a dia resistindo a força de um Estado opressor e que busca apenas o capital que pode ser gerado no campo, sem pensar na qualidade de vida e nos direitos do cidadão do campo. A luta pelos direitos é contínua. Dá mesma forma, é contínuo o fortalecimento da identidade do camponês.

Todos os objetivos da pesquisa foram alcançados. O livro didático pode ter muitas funções, desde ditador das aulas, até um recurso que utilizado de uma forma correta, pode ser peça chave no processo de ensino-aprendizagem. Pesquisar sobre o livro didático é uma necessidade, já que, esse está presente em quase todas as aulas. O valor do livro didático está na forma como o professor utiliza. Mas, para isso, é preciso um maior investimento do Estado com a relação à formação e a formação continuada, a qual é importante para o bem-estar do professor e dos alunos em sala de aula.

O questionário aplicado com os professores da escola Lili Queiroga, possibilitou o acesso a informações exclusiva da escola e da comunidade em que esta se encontra inserida. Todas essas informações foram devidamente constatadas nas observações das aulas, que também foi essencial para o desenvolvimento dessa pesquisa.

As nossas práticas em sala de aula, devem estar sempre voltadas para o alunado e se tratando de crianças entende-se que o livro didático é um dos muitos recursos que faz com que através do conteúdo suas páginas, sejam abordados temas e aspectos que existem dentro da comunidade.

A identidade camponesa e o território precisam estar sempre dentro das salas de aula e também nos livros didáticos que são destinados especificamente às escolas do campo. O livro didático é um grande instrumento de aprendizado, que pode ser potencializado, ao ser usado em conjunto com a realidade e vivências dos sujeitos do campo.

Essa pesquisa me proporcionou um crescimento pessoal e profissional. Fez-me valorizar o conhecimento que os povos que vivem no campo, assim como eu, têm para ensinar. O campo é cultura e conhecimento. Por isso, essa pesquisa é a continuação de muitas que já foram realizadas, embora com objetivos diferentes, e o ponta pé inicial para o surgimento de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. F. S.. Educação do Campo e a Formação de Professores: construção de uma Política Educacional para o Campo Brasileiro. **Ciência & Tropico**, v. 34, p. 207-226, 2010.

ARROYO, M. G. Políticas de formação de educadores (as) do campo. **Cadernos Cedes**, Campinas, SP, v. 27, n. 72, p. 157-176, mai./ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n72/a04v2772.pdf>>. Acesso em: 19 Fev. 2018.

AZAMBUJA, L. O Livro Didático e o ensino de Geografia: qual livro? In: IVAINE M. et al., **O livro didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. 1ªed.Porto Alegre, RS: Ed. Meridional Ltda., 2017, v. Único, p. 61-77.

BERBAT, M.C.; FEIJO, G. C.. Diálogos com a Educação do Campo: o livro didático em questão. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, v. 1, p. 476-494, 2016.

BONJORNO, José Roberto *et al* . **Novo girassol** - saberes e fazeres do campo: Alfabetização Matemática, Ciências, 2º ano. São Paulo, SP: FTD, 2014.

_____. **Novo girassol** - saberes e fazeres do campo: Alfabetização Matemática, Ciências, 3º ano. São Paulo, SP: FTD, 2014.

_____. **Novo girassol** - saberes e fazeres do campo: Matemática, Ciências, 4º ano. São Paulo, SP: FTD, 2014.

BOGO, A.. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

BORGES, H. S.. Educação do Campo como processo de luta por uma sociedade justa. In: GHEDIN, E. **Educação do Campo: Epistemologia e práticas**. 1ed. São Paulo: Cortez, 2012, v. 2000, p. 77-116.

BRASIL. **Edital de convocação do PNLD Campo 2016**. Brasília, DF. 2014.

_____. **Guia do PNLD Campo 2016**. Brasília, DF, 2015.

CARPANEDA, I. P. de M. *et al*. **Novo girassol** - saberes e fazeres do campo: letramento e alfabetização, alfabetização matemática, 1.º ano. São Paulo, SP: FTD, 2014.

_____. **Novo girassol** - saberes e fazeres do campo: letramento e alfabetização, geografia e história, 2.º ano. São Paulo, SP: FTD, 2014

_____. **Novo girassol** - saberes e fazeres do campo: língua portuguesa, geografia e história, 4.º ano. São Paulo, SP: FTD, 2014.

CALDART, R. S. **A escola do campo em movimento**. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun, 2003.

_____. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. *In*: KOLLING, J. E; CERIOLI, P. R; CALDART, R. S. **Educação do campo**: identidade e políticas públicas. Brasília: DF, 2002.

_____. Movimento Sem Terra: **lições de Pedagogia**. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, pp. 50-59, Jan/Jun 2003.

COLTED. O livro didático sua utilização em classe: **material básico dos cursos de treinamento para professores primários**. Rio de Janeiro: COLTED, 1969.

COSTELLA, ROSELANE ZORDAN. Nas entrelinhas do Livro Didático: a voz e a visibilidade do aluno. *In*: TONINI, I. M et al., **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2017, v., p. 177-190.

CAVALCANTI, Lana De Sousa. GEOGRAFIA, ESCOLA E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS. – Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set/dez, 2004.

DIAS, A. A; SANTOS, V. O. **Novo girassol** - saberes e fazeres do campo: arte, 1º ao 3º anos. São Paulo, SP: FTD, 2014.

FARIA, M. de S. **CURRÍCULO E ESCOLA DO CAMPO**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais, 113p, 2015. Disponível em: < <http://www.poseducacao.ufv.br/wp-content/uploads/2017/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mariana-Faria-2015.pdf> > Acessado em 30 de Jan de 2018.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petropolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: **saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, A. R.; MELATTI, C. Instrumentos para análise e escolha do Livro Didático de Geografia pelo professor: aspectos da formação cidadã. *In*: TONINI, I. M.; et al., **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. 1ed. Porto Alegre-RS: Ed. Meridional Sulina, 2017, v. 1, p. 39-60.

KAERCHER, N. A. Marte-Geografia humanizada: que lugar quadrado: (re) descobrindo nas entranhas do livro a perene alegria de aprender o labor-sabor de docenciar. *In*: Ivaine Maria TONINI, I. M et al., **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2017, v., p. 9-21.

LAJOLO, M. Livro didático: **um (quase) manual de usuário**. *Em Aberto*, Brasília, v. 16 n. 69, p. 3-9, jan./mar. 1996.

LIMA, E. de S. Educação do campo, currículo e diversidades culturais - ISSN: 1983-1579. **Revista Espaço do Currículo**, v. 06, p. 608-619, 2013.

LIMA, V. R. P. de. Conflito pelo Uso da Água do Canal da Redenção: Assentamento Acauã – Aparecida –PB. **Monografia** (Graduação em Geografia). João Pessoa: UFPB, 2006. 96p.
Disponível em: <

http://www.geociencias.ufpb.br/leppan/gepat/files/conflito_assentamento.pdf > Acesso em: 25 de Jan de 2018.

MARQUES, M. I. M. Relação Estado e MST: **algumas fases e faces**. Lutas & Resistências, v. 1, p. 184-196, 2006.

MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades - teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, v. 1, p. 217-227.

MOLINA, M. C. Apresentação. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 11-14, abr. 2011.

MUNAKATA, K. O livro didático: alguns temas de pesquisa.

Revista brasileira de história e educação, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

NEGRI, L. B. **COLEÇÕES DIDÁTICAS DO PNLD CAMPO 2016:**

UM DISCURSO EM ANÁLISE. (Dissertação de Mestrado). São Carlos/SP: UFSCar, 2017.

OLIVEIRA NETO, A. C.. O TERRITÓRIO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM COMUNIDADES RURAIS - RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA. **Revista Maré: memórias, imagens e saberes do campo**, v. 01, p. 01-13, 2011.

OLIVEIRA, W; SOUSA, P. B. **As políticas públicas do Programa Nacional do Livro Didático do Campo no Brasil**. e-Hum, v. 9, p. 39-39, 2017.

PPP. **Projeto Político-Pedagógico**. Escola Municipal de ensino fundamental Lili Queiroga. Aparecida: Secretaria Municipal de Educação (SME)/Prefeitura Municipal de Aparecida (PMA), 2016.

PROBEX 2017. **Ensino Interdisciplinar na Formação Continuada de Educadores da Escola do Campo no assentamento acauã, município de aparecida-PB**. Cajazeiras, UFCG-CFP, 2017.

II PNERA. Relatório da II Pesquisa Nacional sobre a Educação na Reforma Agrária. Brasília, Junho de 2015. Ipea. Disponível em:

<<http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/pronera/ii-pesquisa-nacional-de-educacao-na-reforma-agr-ria-pnera---jun-2015/pnera-2pesquisa-educa-reforma-agraria.pdf>>. Acesso em 03 de março de 2018.

SANTOS, L. P. dos. Amados por uns, odiados por outros: avanços e potencialidades dos Livros Didáticos de Geografia. In: TONINI, I. M.; et al., **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2017, v., p. 139-154.

SILVA, L. M. da. SAMPAIO, A. de Á. M. **Livros didáticos de geografia: uma análise sobre o que é produzido para os anos iniciais do ensino fundamental**. Caminhos de geografia – Revista online, Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/>> Acesso em: 30/10/2017.

SILVA, M. J. A.. **Formação continuada de professores da educação infantil: diferentes paradigmas e a pedagogia crítica**. In: XII Congresso Nacional de Educação/ IV Seminário Internacional de Representações Sociais, 2017, Curitiba. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONTEXTOS, SENTIDOS E PRÁTICAS**, 2017.

TEIXEIRA, R. R. P; APRESENTAÇÃO, K R. dos S. da. Jogos em sala de aula e seus benefícios para a aprendizagem da matemática. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 302-323, jan./jun. 2014.

VENDRAMINI, C.R. Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 121-135, mai/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 18. Dez. 2017.

VILHENA JUNIOR, W. M; MOURÃO, A R B. Políticas Públicas e os Movimentos Sociais: por uma educação do Campo. In: GHEDIN, E. **Educação do Campo Epistemologia e práticas**. 1ed.São Paulo: Cortez, 2012, v. 1, p. 169-192.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário Professores



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
DISCENTE: FELIPE PEREIRA DOS SANTOS**

QUESTIONÁRIO PROFESSORES

E.M.E.F LILI QUEIROGA

Gênero: () Masculino () Feminino Formação Acadêmica: _____

1. Reside na comunidade onde está localizada a escola que ensina? () Sim () Não

2. Onde reside? _____

3. O regime de trabalho é: () contrato () efetivo

4. Há quanto tempo leciona como professor da educação básica? _____

5. Há quanto tempo leciona nesta escola? _____

6. O que significa para você trabalhar numa escola de assentamento?

7. A escola interage com a comunidade? () Sim () Não Se interage, como o faz e quando? _____

8. Como e onde se dá a formação continuada da escola?

9. Quais os eixos norteadores da formação continuada que vocês recebem?

- Modelos ou Sequências didáticas
 Alfabetização e Letramento
 Linguagem Oral e escrita
 outros.

Quais?

10. A formação continuada fala sobre a Educação do Campo? Sim Não

11. Você já participou de formação continuada segundo a Política da Educação do Campo? (

) Sim Não Quanto tempo

12. Qual instituição ofertou? Quando?

13. Mudou algo em sua prática a partir da formação em Educação do Campo?

Sim Não

Explique:

14. A escola envolve a comunidade no seu cotidiano? Sim Não

Explique

15. O que você entende sobre Educação do Campo?

16. A formação continuada atual promovida pela Secretaria de Educação se pauta na educação contextualizada? () Sim () Não

Justifique _____

17. Como é realizado o processo de escolha do livro didático utilizado na escola?

- () Os professores da escola não participam desse processo
- () Apenas um grupo de professores participa
- () Apenas a Secretaria de Educação escolhe
- () O município já recebe o livro determinado pelo Governo Federal
- () Outro.

Explique: _____

18. Houve mais de uma coleção para ser escolhida? () Sim () Não

Qual/Quais? _____

19. Qual a coleção escolhida? _____

20. Qual o motivo de escolha da coleção?

- () Por apresentar conteúdos que condizem com a realidade da comunidade
- () Foi a única coleção apresentada
- () Escolhida pela Secretaria de Educação
- () Melhor valor de custo
- () Outros.

Justifique _____

21. Como você define a coleção escolhida: () Boa () Ótima () Péssima () Ruim ()
Outra.

Justifique_____

22. Você utiliza o livro didático? () Sim () Não

23. Como você utiliza o livro didático em sala de aula?

24. Quando você utiliza o livro didático?

25. Com que frequência é usado o livro didático?

26. Você utiliza outros recursos além do livro didático? () Sim () Não

Quais?_____

27. Os conteúdos apresentados no livro didático estão voltados verdadeiramente para a Educação do Campo, tendo em vista que os livros devem ser organizados de uma forma que valorize a identidade dos sujeitos do campo? () Sim () Não

28. Em suas aulas trabalha com a realidade dos educandos? () Sim () Não

29. É possível fazer uma ligação entre os conteúdos apresentados pelo livro didático e a realidade local dos educandos? () Sim () Não

30. No que diz respeito ao trabalho em sala de aula com a realidade da comunidade local, que pontos centrais podem ser destacados como fundamentais para o aprendizado dos educandos sobre a comunidade local?
